



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
ESCOLA DE BELAS ARTES
PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS**

FRANCILINS CASTILHO LEAL

MATERIALIZAÇÕES LUMINOSAS

**SALVADOR
2015**

FRANCILINS CASTILHO LEAL

MATERIALIZAÇÕES LUMINOSAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Artes Visuais, à linha de pesquisa em Processos Criativos em Artes Visuais como requisito para obtenção do grau de Mestre em Artes Visuais.

Orientador: Professor Doutor Roaleno Amâncio Costa

Salvador, BA
2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

UFBA/Escola de Belas Artes
Castilho Leal, FRANCILINS
Materializações Luminosas/ Francilins Castilho Leal – 2015
Orientador: Prof. Dr. Roaleno Amâncio Costa
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia - Escola de Belas Artes
1 Arte; 2. Religião; 3. Antropologia, 4. Sexualidade; 5. Fotografia
CDD 777 - CDU 77

FRANCILINS CASTILHO LEAL

MATERIALIZAÇÕES LUMINOSAS

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Artes Visuais, Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia.

Aprovada em de junho de 2015.

Professor Doutor Roaleno Amâncio Costa – Orientador
Doutor em Tecnologia da Informação - USP
Universidade Federal da Bahia

Professor Doutor Marcelo Rodrigo Campos
Doutor em Artes Visuais pelo PPGAV da Escola de Belas Artes/ UFRJ
Universidade Estadual do Rio de Janeiro

Professora Doutora Maria Celeste de Almeida Warner
Universidade Federal

RESUMO

A revelação, através da fotografia e outros métodos mágicos é o fundamento desta empreitada. Num mesmo caldeirão ciências e religiões borbulham, engrossando o caldo da antropologia luminosa eclode em obras de artísticas. Deuses, almas, transcendentalidade, êxtase, limbo, gozo, agonia cadenciam o percurso da vida que decanta nestas páginas.

PALAVRAS-CHAVE

Magia, Religião, Sexo, Arte Contemporânea, Antropologia, Religião, Fotografia.

ABSTRACT

The revelation, through photography and other magic methods is the foundation of this project. In the same cauldron bubble sciences and religions, thick the broth of light anthropology breaks in artistic works. Gods, souls, transcendentalidade, ecstasy, limbo, joy, agony cadenciam the way of life that decant these pages.

KEYWORDS

Magic, Religion, Sex, Contemporary Art, Anthropology, Religion, Photography

]

SUMÁRIO

1	MATERIALIZAÇÕES LUMINOSAS	05
2	EXPOSIÇÕES	22
3	LIMBO	50
4	RESSURGÊNCIAS	68
	BIBLIOGRAFIA	97

Em louvor às Almas e São Miguel Arcanjo.
Para minha amada filha Liz.

AGRADECIMENTOS

Aos Deuses, todos.

Aos meus pais que me deram a vida e suportam diferenças de gênios e gerações com carinho. A todos antepassados sejam caboclos, do Rio Vermelho, pantaneiros, mouros ou cangaceiros.

Liz, minha amada filha, por existir. A Laura Ordóñez e toda família colombiana, que rega esta flor cotidianamente.

A Clarissa Detomi, companheira leal que atravessou montanhas cintilantes e vales abissais nesses últimos anos.

Ao compadre João Castilho, peça fundamental na saga.

Aos governos do meu país que têm possibilitado que pague minhas modestas contas com o trabalho árduo na esfera das Artes e estude em universidades públicas de excelência. À CAPES pela bolsa durante um período deste mestrado. À Fundação Municipal de Cultura que financiou o livro *Limbo*, um dos produtos artísticos desta jornada. À FUNARTE (Fundação Nacional de Artes), que concedeu o Prêmio Marc Ferrez de Fotografia, com o qual fui contemplado em sua XIII edição, o que financiou partes destas pesquisas, inclusive o intercâmbio na Colômbia. À esta mesma instituição agradeço o Prêmio Rede Artes Visuais, que recebi no ano de 2014 e que dá suporte financeiro para a realização da residência e ocupação artística no Cemitério do Peixe, onde instalarei a obra *Materializações Luminosas*.

À Universidade Federal da Bahia, à Escola De Belas Artes, especialmente ao Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais. Ao professor Roaleno, pela acolhida desde o primeiro momento e parceria ao decorrer desta jornada. Ao professor Marcelo Campos, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, pela leitura meticulosa do texto de qualificação e por suas preciosas considerações, também por ter aceitado o convite para avaliar este trabalho. À professora Maria Celeste Warner por compor a banca e pela atenção cuidadosa. À todos funcionários que sustentam a EBA, seus professores, especialmente àqueles e tive a honra de receber seus conhecimentos: um abraço ao prof, Eriel Araújo, mestre por vocação, agradeço o aconchego da professora Viga Godilho, ressalto a sobriedade da professora Rosa Gabriella, que equilibra os ânimos e dirige com serenidade a pós-graduação. À Taciane, Argus e Claudio, secretários deste Programa.

À Bahia, Minas, São Paulo e Colômbia, principais pólos magnéticos por onde transitei no intervalo temporal deste mestrado. Agradeço a recepção de todas estas terras, especialmente ao seu povo. Na soterópolis à amizade profunda de Jayme Fygura, assim como fico lisonjeado pelo acolhimento de Willyams Martins. Em terras colombianas, agradeço a generosa acolhida de Diô Viana Karen Aune e Santiago Rueda. Em São Paulo, um forte abraço para a tia Maria José e família.

Agradeço a atenção e profissionalismo da Gráfica Machado, especialmente ao Adolfo Machado e ao impressor Ricardo Valente

À Residência Artística da FAAP e toda sua equipe que me recebeu em São Paulo no momento da finalização do livro Limbo e permitiu estar em contato com esta importante polis e toda sua efervescência humana e cultural. Especial abraço aos companheiros Bruno Cidra, Ô Sarah, Marco Maria Zanin e o venezuelano Jorge.

Ao Cemitério do Peixe todas suas Almas, gratidão à Lotinha e Zezinho, ao Padre Carvalhes. À querida Daniela Molnar anjo protetor. À todos parceiros desta comunhão artística memorável, que firmam com brados de alegria esta convergência multidimensional, enquanto digito estes caracteres.

A todos e, especialmente a você, que nos honra com a companhia nesta viagem.

Chegonça

Este trabalho versa sobre as crenças que venho consolidando ao longo da minha trajetória. Errância por profundezas iluminadas, praias aterradoras e tudo mais que estiver pelo caminho. Um relato de viagem, desde o meu nascimento numa típica família mineira, com raízes no pantanal e no espiritismo. Cresci ao som de Sepultura e acredito no Homem enquanto ser religioso. Hoje produzo obras múltiplas, que podem ser, e são, arte e ecologia, antropologia e antropofagia, política e religião, tudo ao mesmo tempo e agora.

A revelação, através da fotografia e outros métodos mágicos é o fundamento da busca. Ciências do corpo e do espírito profanadas mestiços negros-mouros, em pleno território indígena. Crenças abaladas por choques sísmicos das ideologias do canção. Paisagens desconcertantes e toques luxuriantes guiam o caminho da justiça. Corpo-alma, arte-vida, foda-se.

Alucinação dá o tom do ritual Yanomamis, onde os índios gritam e se teletransportam na noite enluarada. Embalados por esta vibração mergulhamos até onde a respiração alcança, enquanto não aprendermos a prescindir dela.

São Jorge, Tirésias, Lampião, Carlos Castañeda, Darcy Ribeiro, Levi-Strauss, Luis Gonzalez-Palma, Claudia Andujar, Arthur Omar, Dante, Fernando Pessoa, Pombagira, Macunaíma, Padre Cícero, @s colombian@as, Antonio Conselheiro, JaymeFygura, Roberto Piva, Guarani-Kayowá, Cemitério do Peixe, Zezinho, Lotinha, Padre Cavalhaes, Daniela Molnar, São Miguel, Exú, Almas. Revolução, involução, implosão, éter.

No primeiro capítulo vagueio pelas minhas ideias em torno da fotografia e sua essência, religião e espiritismo, sexo e agonia, curadoria e artilharia, metodologias revelatórias e outras referências.

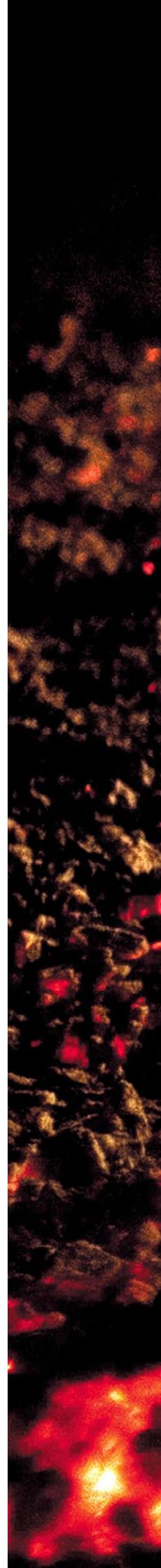
No segundo, percorro a trilha das exposições que realizei durante o período do mestrado, de 2012 a junho de 2015. Especialmente as mostras individuais Umbral de Las Pasiones, que aconteceu em outubro de 2012, no Centro Municipal de fotografia de Montevideu e Inframundo Tropical, que amalgamou-se no Hotel Diamante, na “Zona” Boêmia de Belo Horizonte, em 2014.

No terceiro capítulo a locomotiva nos leva à Gráfica Machado, em São Paulo, onde foi impresso o livro Limbo. Desconstruímos o livro, trazendo À tona a estrutura que o constitui.

No último capítulo, que poderia ser o primeiro, percorremos o labirinto de obras que se encontram em grutas abissais ou afloraram e estão visíveis. Terminamos com a obra Materializações Luminosas, que dá nome a esta empreitada e está sendo construída neste momento.

Cemitério do Peixe, 22 de maio de 2015.

CAPÍTULO I - MATERIALIZAÇÕES LUMINOSAS





MATERIALIZAÇÕES LUMINOSAS

Plínio, o Antigo, inquietou-se, outrora, com uma espécie de mosca chamada pyralis ou pyrotocon, que só podia voar no fogo: “Enquanto ela está no fogo, ela vive; quando seu voo afasta dele um pouco mais, ela morre.”⁴ Assim, a vida dos vaga-lumes parecerá estranha e inquietante, como se fosse feita da matéria sobrevivente - luminescente, mas pálida e fraca, muitas vezes esverdeada - dos fantasmas. Fogos enfraquecidos ou almas errantes. Não nos espantemos de que o voo incerto dos vaga-lumes, à noite, faça suspeitar de algo como uma reunião de espectros em miniatura, seres bizarros com mais, ou menos, boas intenções.

Georges Didi-huberman

O horizonte da arte, hoje, é aberto, impreciso. Situações, eventos, rituais ou celebrações - a arte não se distingue mais, nitidamente, da vida e do cotidiano. (...) A vida que bate no seu corpo - eis a arte. O seu ambiente - eis a arte. Os ritmos psicofísicos - eis a arte. A vida intrauterina - eis a arte. A supra-sensorialidade - eis a arte. Imaginar - eis a arte. O pneuma - eis a arte. A apropriação de objetos e de áreas - eis a arte. O puro gesto apropriativo de situações humanas ou vivências poéticas - eis a arte.

Frederico de Moraes

A câmera escura é um centro de convergência energética que condensa fluxos multivetoriais. A foto(aqui utilizada como sinônimo de energia e não apenas do espectro visível desta)grafia se dá por subtração, por esvaziamento, logaritmo infinitesimal daquilo que foi. Análogo ao ponto, esfera que condensa até dar um salto quântico no sumidouro e ser cuspida como símbolo do outro lado do buraco negro. Sublimação do tempo-espaço onde as cinzas do real descansam em berço esplêndido.

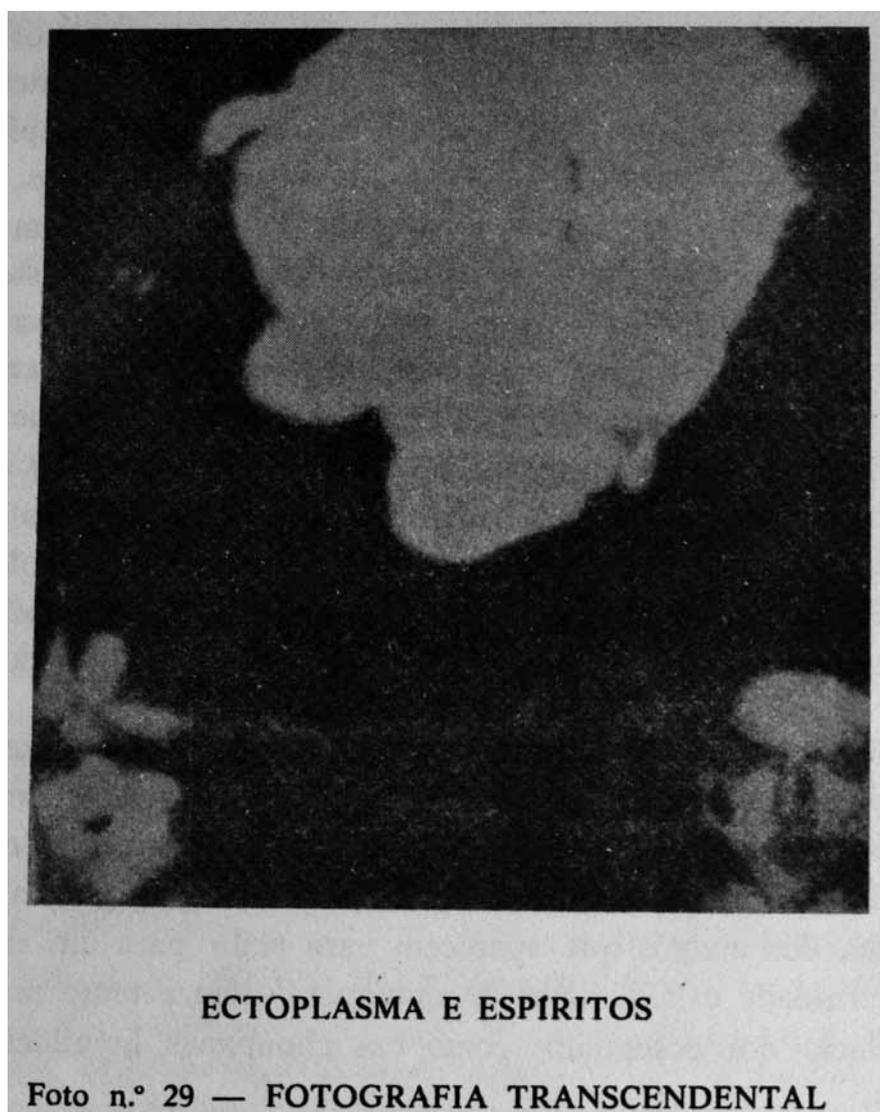
O título deste trabalho é uma apropriação e resignificação do termo proposto por R A Ranieri no livro *Materializações Luminosas*, um dos precursores do espiritismo no Brasil. Segundo o espírito de Emmanuel: Materializar é adensar, reconverter valores fluídicos, tangibilizar o que é sutil e indefinível. Emmanuel, 1955. Espiritismo é uma religião que encontrou solo fértil no Brasil e foi compilada pelo pedagogo francês Hypolite Lion Denizard Rivail: Allan Kardec. O País se tornou o maior no mundo em número de adeptos desta doutrina que pressupõe em seu “Livro dos Médiuns”: Manifestações Físicas são as que se traduzem por efeitos sensíveis, tais como ruídos, movimentos e deslocamento de corpos sólidos. Umas são espontâneas, isto é, independentes da vontade de quem quer que seja; outras podem ser provocadas.

Juntamos a estas pistas, a indicação de Joan Fontcuberto no livro *O Beijo De Judas*:

Por que denominamos fotografia de “fotografia”? Por William Fox Talbot não saber grego ou, ao que parece, não saber o suficiente. Pelo menos é o que aventura Vilém Flusser sobre o notável cientista britânico que cunhou o nome do novo procedimento. O prefixo foto- deriva do fos, que significa luz, porém teria sido mais correto soletrar

“fáos”. Dessa forma estaríamos mais próximos de faiein e fainein, termos que deveriam ser traduzidos como “aparecer”, e não como “brilhar”, e que originaram palavras como fantasma, fantasia ou fenômeno. Essa lexografia se relacionaria, por extensão, com espectros, ilusões e aparições.

Fotografia é processo: flerte e cômte entre as partes, enamoramento... também há amor à primeira vista, aqueles predestinados. A iminência do encontro faz os corações palpitem em sintonia acelerada, a falta de ar o suspiro. Permutação de alteridades: fecundação. Banhada pelos gozos reveladores a imagem latente vem à luz, ganha nova vida. Fotografia, apesar de autônoma, precisa de cuidados e sorte para ganhar o mundo. A maioria das fotos existem somente em potência, milhões de gametas são desperdiçados a cada segundo em masturbações estéreis. Muitas são abortadas, além daquelas que morrem na primeira infância. Enfim, a luta pela sobrevivência também é um processo seletivo cotidiano na vida das fotografias.



Reprodução do livro *Materializações Luminosas*, de A Ranieri, publicado em 1973.

Como todo conceito o de fotografia pode ser ampliado, expandido, esticado, cuspidado... transformado: trans(foto)grafia. Raios-X, Infravermelhos, ondas cerebrais – atravessam caixas pretas e são transpassadas cotidianamente a imagens, ou seja, atravessam o abismo da revelação. Revelação que é fundamento das crenças humanas, inclusive a das ciências e das artes. Arthur Omar assim descreve esse fenômeno:

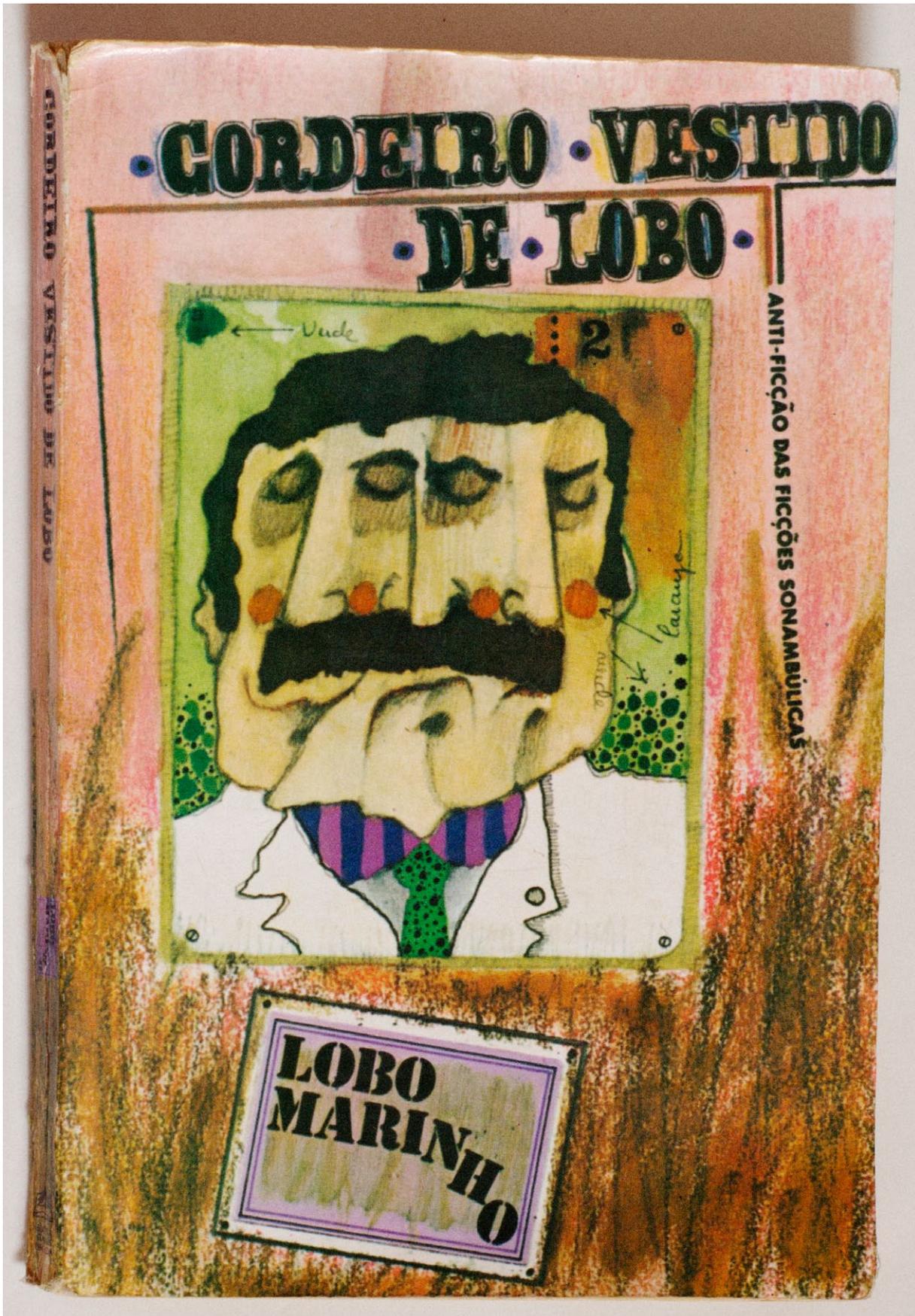
É bela linguagem da técnica da fotografia, mas a melhor de todas as palavras é: revelação. A fotografia é a única arte onde tudo se dá em torno da revelação. Qualquer imagem tem que passar uma revelação. Por mais banal que seja a imagem, a revelação tem sempre que ocorrer, essa palavra que serve para falar das coisas misteriosas. Ação, grandiosa ou recatada, de tirar o véu descobrir, transformar o caráter oculto de alguma coisa. Na revelação, está implícita a mudança de um estado, um rito de passagem, um corte radical entre o que era latente e o que vai se manifestar entre nós num tempo subsequente. (Antropologia da Face Gloriosa. P26)

Pela superposição de camadas, os conceitos-chave que atravessam as produções apresentadas neste texto ganham contorno. Tempestade de letras que fertiliza as páginas do livro que flui pelo leito serpenteante dos vales conceituais, contornado autores, mergulhando em sumidouros comportamentais e vertendo ao mundo ordinário carregado de sedimentos das profundezas. Viajo por cabotagem este rio caudaloso que é o universo acadêmico, aportei nas Ciências Sociais e fui flexado pela antropologia e, agora tenho a honra de me relacionar com as Artes. Sobre esta Pietro Ubaldi apregoa:

Começarei de novo, com meios novos, mas acima de tudo, com ideia nova. O segredo de uma grande arte consiste em saber realizar o milagre da revelação do mistério das coisas; em saber exprimi-los à luz dos sentidos, após íntima e profunda comunhão com o mistério que palpita na alma do artista. Este tem de ser um vidente, normal ou supernormal, onde tudo é espírito e vossa concepção de vida comum não chega. A nova grande arte deve ser integral: presume o artista total, o super-homem que realizou sua maturação biológica, não o agnóstico, meramente técnico; mas o espírito completo sob todos os aspectos. É indispensável que o homem tenha englobado em si a visão do universo, e que nela tenha atingido as mais profundas concepções da vida. (P366 – Pietro Ubaldi – A grande síntese)

Podemos pensar o artista, assim como a fotografia, como aglutinador de encontros, como médium. Corroborando com esta visão, cito o relato da fotógrafa Maureen Bisillat, sobre João Guimarães Rosa:

Anos depois desses nossos encontros, fui visitar sua viúva, dona Aracy, no prédio onde eles tinham morado em Copacabana, Posto 6. Lá, ela me levou até uma pequena, entre os rochedos e o mar, e contou que fora ali que Rosa escrevera seu Grande Sertão. “Noite após noite”, confidenciou-me, “eu levava para ele duas ou três trocas de pijama, pois enquanto escrevia transpirava muito, banhando-se em suor. Ele me dizia que recebia a obra assoprada, sendo ele apenas receptor.”



Livro de Antonio Lopo Montalvão, publicado Editora Itatiaia em 1973.





O grande dramaturgo ensinou que o “Sertão é dentro da gente” e, em *Meu Tio Iauaretê*, mostrou a trilha da transformação em onça, devir animal que mira o mundo des de o topo da cadeia alimentícia. Desertão expulsivo, onde germinam homens áridos como Antônio Lopo Montalvão, que virava pintada e sumia no mato. O filósofo sertanejo deixou uma vasta obra transcendental em literatura, política e ciências, além da criar sua cidade: Montalvânia. Que, segundo o fundador:

O seu milenar acervo histórico é um álbum mnemônico fadado a despertar ao gigante adormecido, a mostrar à humanidade amadurecida o que foram os seus primórdios; profusão de realismo fantástico está ali nas entranhas do Brasil, como a marca do umbigo (...) Cabe ao espírito brasílico nascido de si mesmo com a idéia que nasce do próprio idealismo, lapidar este diamante bíblico, deixando expandir dele o fulgor de sua sapiência, a expressão dos cérebros de um passado longínquo sobre o qual estão pisando os pés hodiernos do entredevotamento humano.

Naquela terra está o “Labirinto de Zeus”, afloramento calcário onde após o primeiro trecho escuro, deparei-me com uma armadilha para onça. Éramos guiados pelo mestre João Geólogo, fiel escudeiro e prospector de Montalvão. Escureceu, na volta ficamos perdidos e um membro da equipe infartou. No grupo havia um médico e juntos conseguimos reavivar o infartado e com uma pequena bússola encontrei o caminho de saída. Batismo: Capitão do Mato.

Penetremos os sertões por suas veredas. A paisagem agreste dos Campos Gerais guarda preciosidades em suas profundezas, como o rio Peruaçu, um pequeno tributário do São Francisco que rompe a rocha calcária, criando cenários fantásticos, com gigantescos portais para o mundo subterrâneo. A importância simbólica da região, que hoje é habitada pelos Índios Xacriabá, comprova-se pelas ocupações humanas sucessivas há pelo menos 12 mil anos. Sítios arqueológicos repletos de restos rituais, inclusive de arte gráfica pré-histórica, reforçam o poder mágico e cosmológico do local. O impacto de pisar neste Templo Sagrado monumental modificou agudamente a minha concepção do mundo e das artes.

As populações ali viveram em outro estado de natureza, aplicarmos o modelo proposto pelo antropólogo Eduardo Viveiros de Castro para analisa-las, conforme o “perspectivismo ameríndio”, que diz respeito à maneira como os humanos, animais e espíritos veem a si mesmos e aos outros seres do mundo. Essas idéias sugerem uma possibilidade de redefinição relacional das categorias clássicas de “natureza”, “cultura” e “sobrenatureza” a partir do conceito de perspectiva ou ponto de vista. Eles operam em continuidade entre homens e outros bichos, entre vivos e mortos. Sob a óptica social, aquele homem que caça também é pai marido e, eventualmente pajé. Devires múltiplos e contínuos. O Xamã em todas as cosmologias ameríndias é o intermediário

privilegiado entre o mundo dos vivos e outras esferas, condutor do grupo por suas viagens Xamânicas. Articula múltiplos fazeres artísticos em sua atividade, performance, canto, dança e grafismos estão diretamente relacionados e conjugados numa grande caapinagem: “Caíram fora, apavoradas, não pela luxúria que era até instrutiva, mas pelo pavor, quando todos os índios começaram a se transformar em bichos. Um virava jacaré e saía balançando a cabeça e o rabo. Outros se transformavam em onça, capivara ou veado e saíam por ali se estranhando, saltando, correndo. Uma mulher, confundida virou mutum da cintura para cima e sucuri da cintura para baixo e ficou lá, a cobra se arrastando, a ave esvoaçando” (137 – Darcy Ribeiro - Utopia Selvagem). Pressupostos que ecoam até a contemporaneidade, como expresso no relato do escritor Roberto Piva, em entrevista concedida a Heloísa Buarque de Holanda:

Poesia=xamanismo=técnicas arcaicas do êxtase. Xamã: sacerdote poeta inspirado que, em transe extático, percorre o inframundo, florestas, mares montanhas e sobe aos céus em viagens. Dante foi um xamã cabalista que conheceu em sua viagem pelos três mundos, os orixás travessos da sombra. Dixe a visão chegar. É a hora da despedida dos deuses do deserto & chegada dos deuses da vegetação. Minha poesia é magmática, de magma; como Dante, sou monarquista e reacionário. Como diria Pasolini, sou um força arcaica, um bárbaro. & não sou um homem normal, isto é, um racista, um colonialista. Ecologia da linguagem: os poetas brasileiros têm de deixar de ser bruxas para serem bruxos. Estados alterados de consciência. Há quem disseca os versos, mas não conhecem o êxtase, que é a alma dos versos (Mckenna/Gordon Wasson). O caminho do poeta/xamã é o cainho do coração. “*e parve di costoro/ quelli Che Vince, non colui Che perde.*” Dante, Inferno, canto XV.

Sumidouro – vertedouro. O subsolo guarda emaranhado de fluxos energéticos, canais obscuros que conformam um voraz labirinto. As grutas calcárias são consideradas por muitas populações das Terras Altas (Astecas e Mayas, por exemplo) como portais do Inframundo. Este complexo queijo suíço das profundezas é uma grande rede universal, que por vezes ressurgem na superfície. Na periferia de Belo Horizonte existe um importante afloramento desta rocha: o Carste de Lagoa Santa. No século XIX ali viveu Peter Lund, cientista dinamarquês que encontrou na região fósseis do Homem Prédiluviano. Ele também viajou na relação desse pessoal com a megafauna, teoria recentemente “comprovada” pela ciência. Vivi em Lagoa Santa a maior parte da minha vida adulta, mais importante, bebi água de lá durante este tempo. H₂O carregado de sedimentos de CaCO₃ (carbonato de cálcio), que ajudaram a transformar em pedra os ossos de Luzia, uma mulher que daquela água também bebeu, há mais de 12 mil anos. Desta região para o norte (sertão mineiro) a cosmologia local divide a humanidade em dois tipos dois tipo de gentes, conforme a questão: PEQUI OR NOT PEQUI?

“Minas” seria abissal ou montanhosa? O assunto rendeu longas confabulações entre uma ilustre lagoasantense e Carlos Drummond de Andrade. Pelo menos no que diz respeito ao relevo, as montanhas guardam o abismo das minas de ouro. Cova

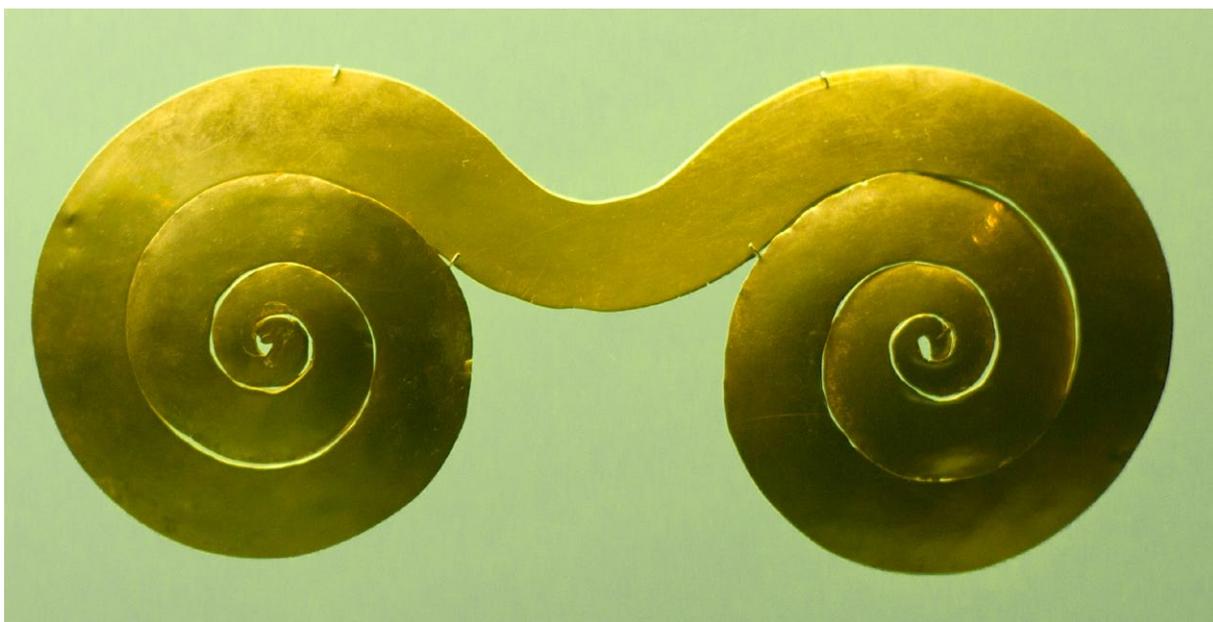
aberta na encosta por mãos negras, muitas vezes as crianças eram as preferidas, por caberem no túnel mais apertado. Mãos como que moldaram o barroco, Antonios e Atháides que eternizaram suas crenças em contornos mulatos, banhados a ouro.

“Lapidamos a imagem para fazer luzir sua áurea” escreveu Walter Benjamim. Fotografia é minério. Mineração como a de prata e ouro, metais preciosos que se transformam em jóias valiosas, mas também há aquela exploração intensiva e extensa de outros minerais menos nobres, como de ferro. Esta, dilapida nossas montanhas, que se transformam em montes de sucata, depositado em outros cantos do mundo. Segundo a memória magnetizada de Drummond:

Alguns anos vivi em Itabira.
Principalmente nasci em Itabira.
Por isso sou triste, orgulhoso: de ferro.
Noventa por cento de ferro nas calçadas.
Oitenta por cento de ferro nas almas.
(trecho da poesia Confidência de um Itabirano)

Mineiro, identidade laboral, que marca meu pertencimento umbilical com a Terra: pilhagem e lapidação. Para o artista guatemalteco Luis González Palma, esta herança barroca e mineral resplandece na obra :

En cada una de las imágenes el cuerpo visible y el objeto son vehículos para entrar en un mundo secreto pero brillante, abiertamente presentado aunque encapsulado, negado a la caricia pero ofrecido a la mirada, tal y como ocurre con la iconografía religiosa. La puesta en escena presenta el tiempo del inconsciente con su libre asociación, sus anhelos y sus miedos; los actos humanos han sido entramados dentro de un mundo irreal y desfasado; la muerte vuelve de nuevo a escenificarse dentro del brillo sagrado de la lámina de oro.

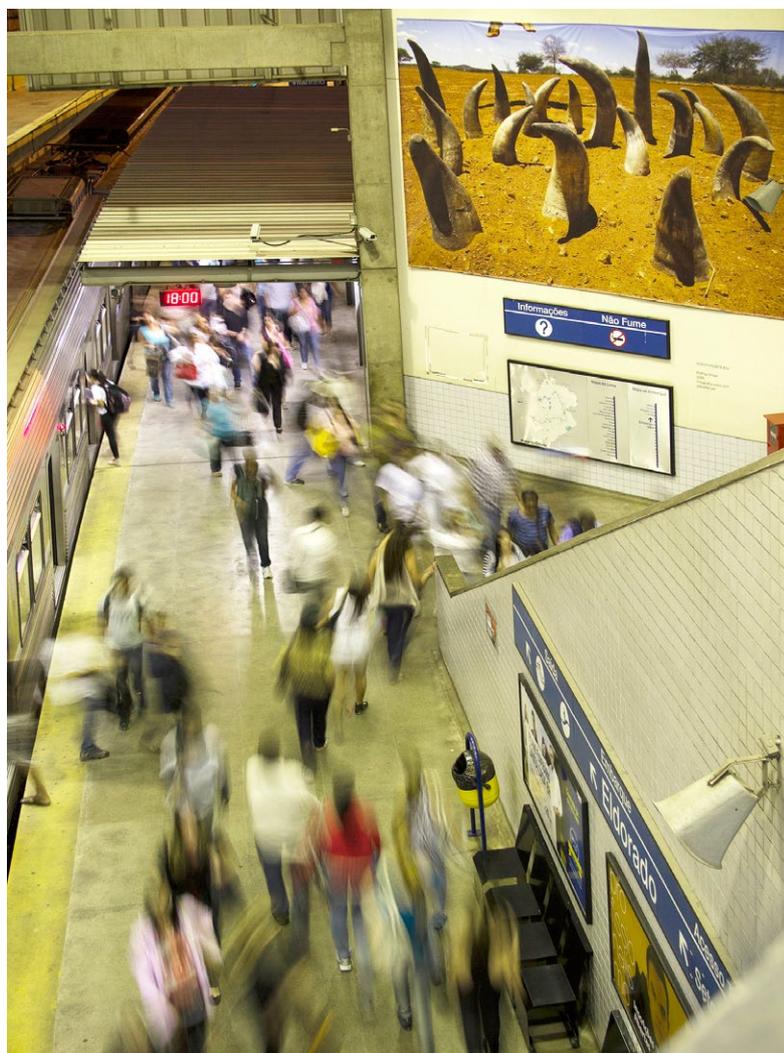


Peça pré-hispânica exposta no Meuso del Oro de Cartagena, Colômbia. O duplo vortéx esculpido no nobre metal foi encontrado na Sierra Nevada de Santa Marta, atualmente habitada pelos Tayrona.

Estos proyectos, los más recientes, los he concebido con el deseo de que la imagen contenga, y de alguna forma recalque y exprese, lo invisible. Palabra y experiencia fundamental que sostiene toda esta aventura visual. Como lo que no se ve cuando se mira; como lo que no se dice cuando se habla, como todos esos silencios contenidos en una sinfonía; éste trabajo es un intento íntimo y muy personal, de darle cuerpo a los fantasmas que gobiernan las relaciones personales, las jerarquías religiosas; en fin, a aquellos que gobiernan la política y la vida.

Ouro que reluz em sofisticadas peças arte pré-colombiana da Nova Granda, *El Dorado* no novo mundo, que fez brilhar os olhos da cobiça européia. Hoje, apesar da pilhagem, a Colômbia conta com o maior museu do ouro do mundo. Associações entre xamanismo e ourivesaria são recorrentes nas interpretações das oferendas depositadas nos lagos do território colombiano, objetos que tem grande importância nas minhas reflexões e produções atuais.

Ourivessaria e xamanismo, conexão direta entre mundos onde objetos que eram lançados em lagoas em sacrifício aos deuses. Oferenda, melhor contra-ofe-



Exposição Ebó: Oferendas Artísticas, durante FAN-BH 2012. Curadoria: Francilins. Obra de Rodrigo Braga, da série Desejo Heremita, impressa em lona vinílica de 7x5 metros. O trabalho em gigantografia foi apresentado com dois outros e montados na estação do metrô São Gabriel, em Belo Horizonte.

renda, foi o mote da exposição que organizei no contexto do Festival de Arte Negra (FAN) de Belo Horizonte em 2012. A mostra Ebó: Oferenda Artísticas ocupou diversos espaços públicos da cidade e colocou em circulação dons artísticos num intenso potlach de trocas urbanas. Utilizamos espaços públicos e Centros Culturais, além do Parque Municipal, local onde aconteceu a memorável Do Corpo à Terra e Objeto e Participação, curadas por Frederico de Moraes, em 1970. Sob a qual este escreve: (...) eu já vinha questionando o caráter exclusivamente judicativo da crítica de arte, dando-lhe uma dimensão criadora. A curadoria como extensão da atividade crítica, o crítico como artista.

Nossa proposição também trazia um forte viés político, principalmente no tocante ao desrespeito a formas menos convencionais de pensar e representar o mundo tendo como mote a negritude. Da Bahia vieram Willyams Martins e Jayme Fygora acompanhado pelo professor Roaleno Costa, artistas que abalaram as estruturas da cosmológia mineira. Paulo Nazareth promoveu uma caminha, terminando em uma “Feijoada”, que aconteceu na ocupação comunidade Dandara. João Castilho, Bernardo Gouveia e Rodrigo Braga ocuparam estações de metrô com obras de grande formato. Estas últimas causaram inflamadas reações da população, o que gerou manifestações dos defensores dos “direitos dos animais”, inclusive reverberando em processos administrativos. Ressurgências da indignação da Tradicional família mineira frente às obras como Totem: Tiradentes, de Cildo Meireles, que queimou dez galinhas vivas, ou das Trouxas ensanguentadas de Arthur Barrio, que participaram da proposição de Moraes na década de 1970. Na lida de uma arte seminal, bruta e ferinamente política fazemos ecoar as palavras do organizador Do Corpo à Terra, Frederico de Moraes:

(...) se a nossa civilização está apodrecida, voltemos à barbárie. (...) Trabalhamos com fogo, sangue, ossos, lama, terra ou lixo. O que fazemos são celebrações, ritos, rituais sacrificatórios. Nosso instrumento é o próprio corpo - contra os computadores. Usamos a cabeça - contra o coração. E as vísceras, se necessário. Nosso problema é ético - contra oonanismo estético”. E acrescentei: “Vanguarda não é atualização dos materiais, não é arte tecnológica. É um comportamento, um modo de encarar as coisas, os homens e os materiais, é uma atitude definida diante do mundo. É o precário como norma, a luta como processo de vida. Não estamos preocupados em concluir, em dar exemplos. Em fazer História - ismos”.

“O artista é sempre contra. Eu não acredito em artista que não seja marginal.” afirmou o ferreiro Amílcar de Castro. Posicionamento político como fio invisível que articula minhas produções, seja como artista, professor, cientista social, editor, curador... vivente. Curadorias e edições que são vetores da minha reflexão crítica, onde pude conviver, aprender e dialogar com autores com quem tenho grande. Tirabalhei a Claudia Andujar na primeira mostra que organizei para o Forundoc.bh (Fórum de Antropologia Cinema e Vídeo), fotógrafa sobrevivente da segunda guerra mundial que dedicou

a vida a compreender cosmologia e lutar pelos direitos dos Yanomamis. Povo marginal por excelência, atualmente me dedico a curadoria de edição do livro de Jayme Fy-gura, artista soteropolitano que há mais de 35 anos não mostra o rosto em público, radicalidade encarnada.

Arte e magia sempre estiveram juntas, desde os tempos imemoriais das inscrições nas cavernas, passando pelas grandes civilizações que viveram no Egito ou Angkor antigos. Templos Mulçumanos e católicos estão repletos de arte gráfica e guardam grandes tesouros da nossa história da arte contemporânea. A relação particular entre duas novas doutrinas, a fotografia e o espiritismo é apresentada no texto de Rosalind Krauss “Seguindo os passos de Nadar”, onde a autora embaralha espectros cognitivos e baixa para a seguinte combinação à mesa: O mundo visível é novamente um mundo de traços onde o invisível recebe o encargo de impressionar-se no visível.

Da política das grandes causas à micropolítica do cotidiano, este viés perpassa os trabalhos de Arte contemporânea. Seja para reforçar a “situação” ou para afrontá-la. Temas visíveis são liquidificados com outros subliminares ou invisíveis no vortéx da vida, com uma pitada de samba e pimenta. Esta energia é regurgitada como trabalhos que articulam múltiplas potências, sob o prisma de uma antropologia visceral. No mestrado em Processos Artísticos em Arte Visuais, apresentam-se obras visuais junto à reflexão crítica a partir delas. Esta dissertação, além de viajar sobre os fundamentos ontológicos da minha produção, analisa as obras realizadas durante o mestrado: um capítulo é dedicado ao livro Limbo e outro às exposições individuais realizadas durante este período. No último tomo, faço uma digressão de obras precedentes e que continuam em constante burilamento pelo rio da vida.

A obra Iniciação abre este capítulo. Imagem captada na festa de São João no quilombo do Mato do Tição, Minas Gerais. Nas próximas páginas, obra da série Yanomamis, de Claudia Andujar.



CAPÍTULO 2 - EXPOSIÇÕES

Próximas páginas obra #7 dá série Inframundo Tropical, 180x120 cm. Impressão com pigmentos minérias. 2014.



ganha o equivalente a um mês em São Paulo. Mesmo pagando uma diária alta. Se a prostituta estiver com disposição para a alta produtividade, ela faz, num dia, cinquenta, sessenta programas. Enquanto em São Paulo faz cinco e, na antiga Vila Mimosa, dez, no máximo. (...)Quando vai chegando a hora da saída do trabalho, os hotéis vão se enchendo de uma maneira que você não consegue andar. Lá a mulher tem um quarto só dela para trabalhar. Ela escolhe se quer ficar nos corredores, na porta do quarto ou deitada na cama, com a porta aberta, fazendo palavras cruzadas, por exemplo. Para certas mulheres, faziam-se longas filas na porta do quarto. E era muito homem, muito. Pag 57 Lá teria vivido a famosa Hilda Furacão. Digo teria vivido porque há quem diga que ela nunca existiu. Pelo sim e pelo não, reza a lenda que Hilda fez parte da época áurea da Zona Boêmia. E a imagem dela é tão forte que existe firmemente na cabeça das pessoas que a frequentam e trabalham por lá. Hilda Furacão e a travesti Cintura Fina serão para sempre os grandes símbolos da Zona Boêmia. (p58)

Na mitologia Grega, inframundo é um termo generalista que remete aos distintos reinos que estão situados debaixo da terra ou além do Horizonte. Cosmo-

Abaixo: anáglifo da obra fenda



visão recorrente nas culturas ameríndias das terras altas, onde a referência a este universo paralelo e complementar ao da superfície, o lado escuro do Yng-Yang, é praticamente universal. Segundo os zoques, do noreste chiapaneco, no México:

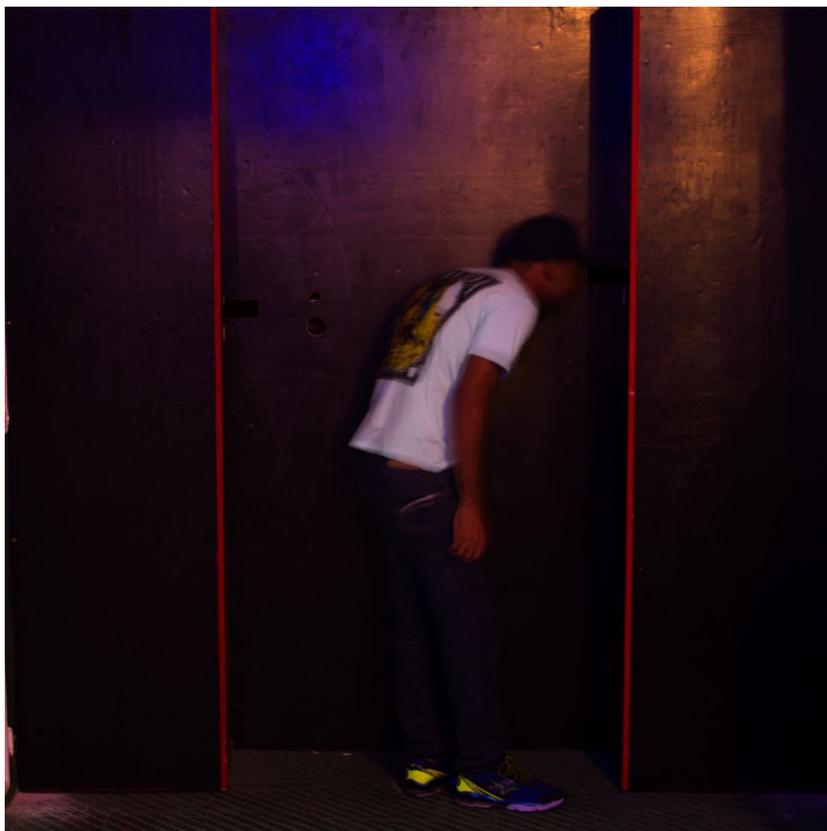
Inframundo es el mundo de l'ps töjk, el umbral de la media noche. La muerte del Sol se avecina; ha envejecido. Literalmente se traduce l'ps töjk como «veinte casas», pero debe entenderse tal término como «Laberinto». Es el Inframundo que los zoques ubican en un sitio subterráneo, al poniente del globo terráqueo. El mundo de l'ps töjk es una réplica del pueblo del cual se es originario, pero está habitado por gente que cumplió su ciclo vital en la superficie terrestre, y la ha abandonado para continuar la vida en el Inframundo, el cual es un gran laberinto con ríos subterráneos.

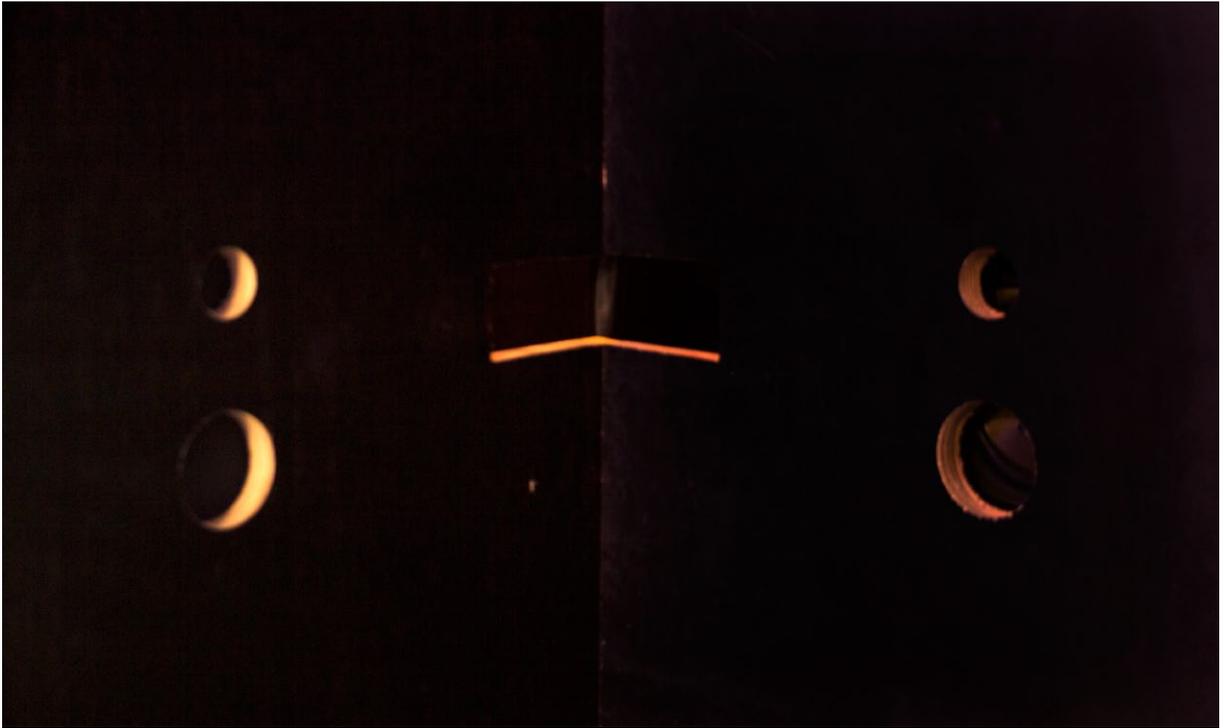
Apesar da grande diversidade e complexidade simbólica de cada uma dessas culturas, elas coincidem em que este hemisfério obscuro seria o domínio da morte e das metamorfoses e somente poderia ser acessado pelos feiticeiros em suas viagens xamânicas. E:

“É tropical, inclusive.”

O penetrável Inframundo Tropical foi acoplado ao Hotel Diamante, amalgamado na encruzilhada da Av. Santos Dumont com Rua São Paulo, no Centro de Belo Horizonte. No térreo do edifício de três andares, funcionam lojas de rua que vendem toda classe de bugigangas, uma estreita escada serpenteante dá acesso ao segundo

Abaixo: Obra Cunha-Fenda, na ocupação Inframundo torpical, no Hotal Diamante, Belo Horizonte, MG.

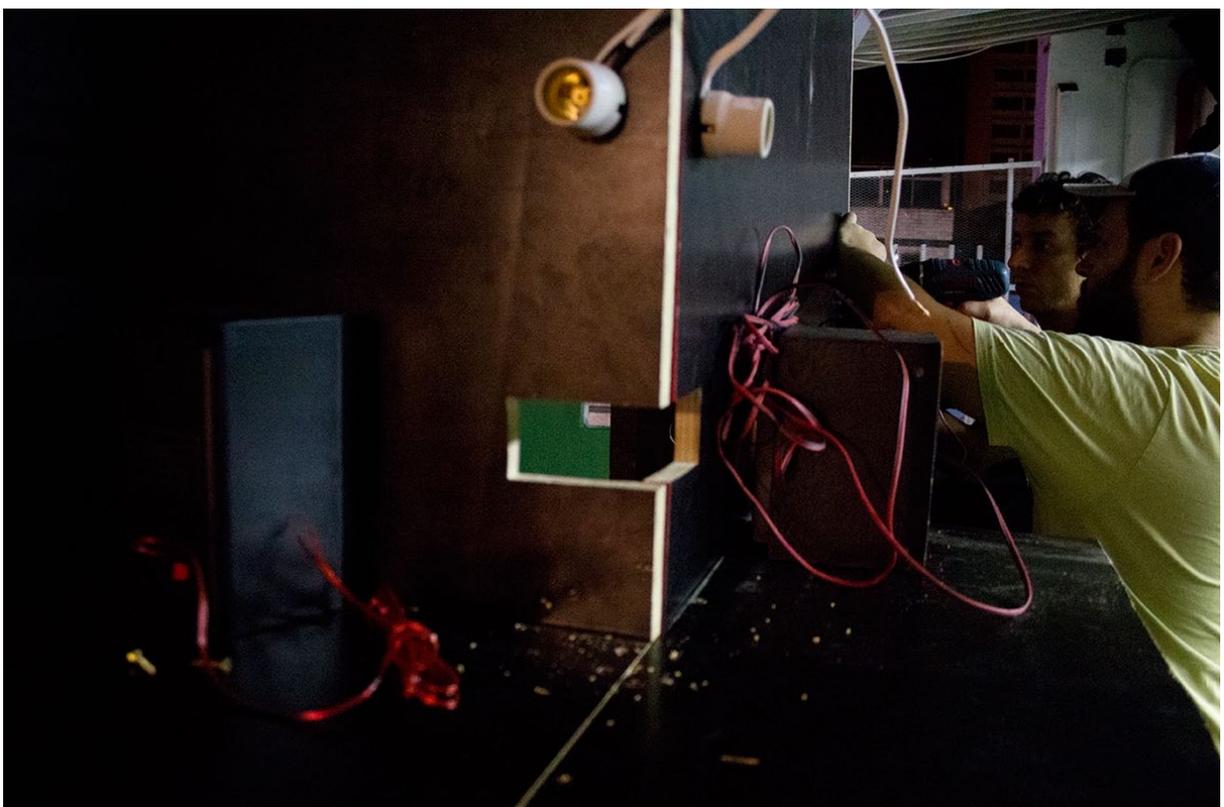


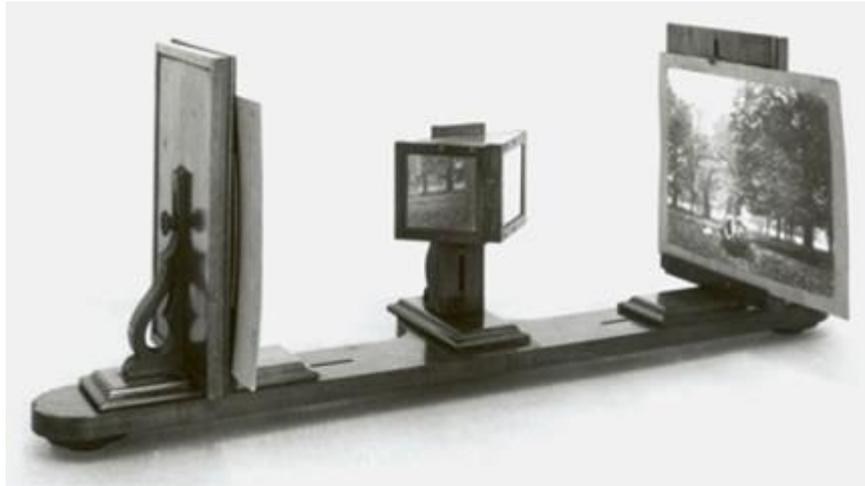


Acima: detalhe da montagem da obra Cunha-Fenda, díptico visual e auditivo.

andar, a partir do qual funciona a zona. Instalei a obra Caópolis no fim do corredor do terceiro andar, Putare ficou sobre a escada entre o terceiro andar e a cobertura. O díptico fenda-cunha foi montado ao lado do bar e as ampliações alojadas dentro da suíte presidencial, ambos no último piso.

Abaixo: visão interna da obra cunha-fenda.

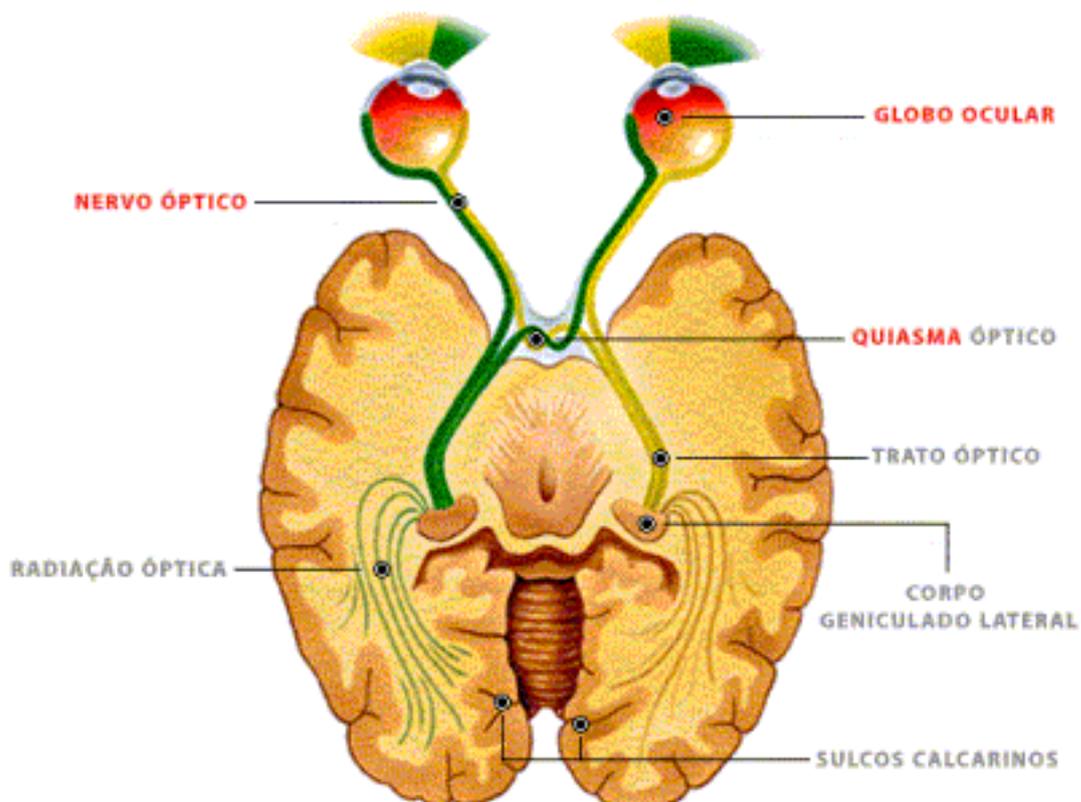




Acima: Esteroscópio visual de Wheatstone

O díptico multiestereoscópico cunha-fenda é composto de dois pares de imagens que são visualizadas em estereoscópios de Wheatstone. Também são emitidos estímulos sonoros com composições originais, que fiz junto com o Rodrigo Araújo, o Baiano. O jogo de espelhos fendem percepção do fruïdor, cunhando novas percepções sensoriais. O observador fecha um dos olhos, vê uma fotografia, quando alterna o olho, vê outra. Abrindo os dois é instaurada uma obra que somente existe em quem a está fruindo. A fusão das duas imagens é modificada a cada vez que fechamos ou

Abaixo: Rota da viagem dos impulsos visuais pela caixa craniana



abrimos os olhos, nosso sistema dá “tilt”, já que as duas imagens mescladas não são um par tridimensional esperado. Podemos graduar a abertura dos olhos ou nos fixarmos em algum elemento específico da figura, e a imagem já é outra.

O estereoscópico de Wheatstone é um aparato visual elementar, ele é formado de um prisma de espelhos no centro, que refletem separadamente cada uma das duas imagens. O mesmo princípio utilizamos para a projeção do som, onde cada um dos ouvidos recebe um somido distinto. O cérebro mescla funde e reinterpreta estes estímulos conforme a experiência individual. “Segundo a teoria de Gestalt demonstra, o olho humano tende a agrupar as várias unidades de um campo visual para formar um todo. Este princípio conceitua a visão como uma experiência criativa, não como um simples ato de ver.” (BALDO E HADDAD, 2003).” Esta teoria argumenta que o cérebro constrói ativamente percepções completas a partir de detalhes na imagem visual, procurando e combinando partes que correspondem mais satisfatoriamente à forma de objetos conhecidos pelo cérebro.” (KANDEL, 2003). O mesmo serve para a audição e, quando associados os estímulos, os efeitos que são elevados a múltiplas-potências.

Abaixo: visão externa da obra *Étant Donnés*, de Marcel Duchamp, montado no Museu da Philadelphia.

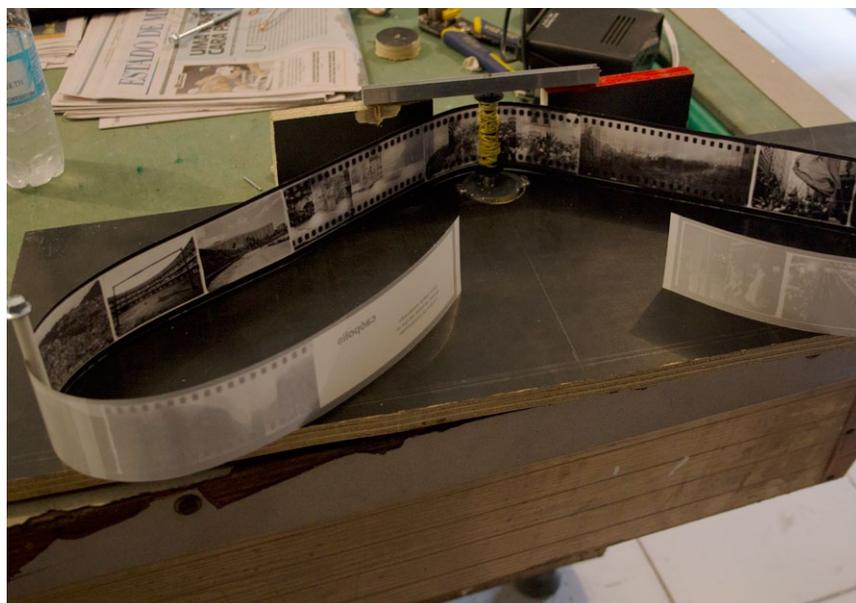


Marcel Duchamp. *Porta de Étant donnés...*, 1946-1966



Acima: detalhe externo da obra Caópolis, Exposição Inframundo Tropical, 2014

Para tornar as percepções visuais mais significativas, as imagens visuais nos dois olhos normalmente se “fundem” entre si nos “pontos correspondentes” das duas retinas. O córtex visual desempenha um papel importante na fusão. Os pontos correspondentes das duas retinas transmitem sinais visuais para diferentes camadas neuronais do corpo geniculado lateral, e estes sinais, por sua vez, são retransmitidos para neurônios paralelos no córtex visual. Ocorrem interações entre estes neurônios



corticais para causar excitação de interferência em neurônios específicos quando as duas imagens visuais não estão “em sobreposição” — isto é, não estão precisamente “fundidas”.

Trabalhos experimentais em arte utilizando a estereoscopia para expansão da nossa capacidade sensorial foram utilizados anteriormente, a exemplo da célebre obra *Éttant Donnés*, de Marcel Ducamp. Porém muito há de ser explorado nesta dimensão, já que grande parte de nossa estrutura corporal é bilateral, pares binários conformam grande parte da nosso corpo: pernas e pés, braços, mãos, rins, pulmões, o coração bipartido... e, dos sete buracos da nossa cabeça, seis funcionam em par estéreo, além do grande processador destes sentidos - o cérebro.

Abaixo: obra *Caópolis em fruição*. Foto: Rodrigo Baiano



Caópolis foi instalada no fim do corredor do terceiro andar do Diamante, a obra contém de uma cinta com imagens fotográficas impressas em jato de tinta com pigmentos minerais sobre papel especial para iluminação por trás (backlight). A impressão tem 115x5 cm e é rotacionada por um motor de forno micro-ondas. Cada um dos olhos enxerga um fragmento diferente da composição, e cada uma das “entradas” visuais é iluminada por um flash independente que lança disparos de luz de maneira intermitente e dessincronizada, isto é visualizado por um visor estereoscópio de lentes (modelo Holmes) e um par de caixas acústicas estéreo.

Um flash é emitido no olho direito, a imagem fixa em nossa retina, como um fantasma, uma fotografia etérea, passa a existir autonomamente na mente do receptor. Esta imagem começa a alterar, inclusive é negativada pelo efeito da saturação cromática. Outro disparo, outro olho. As imagens se fundem de uma maneira bastante inusitada. Continuamente fotos são catapultados para ambas retinas. Junto a isto, a composição sonora estéreo entope os ouvidos e o cérebro tenta articular este turbilhão de informações *sui generis*. Deslocamento e expansão.

O “filme” multisensorial Caópolis é composto por sucessão de imagens ópticas captadas nos locais onde vivi nos últimos anos: Salvador, Minas Gerais, São Paulo e Colômbia. Instaura-se o ensaio fotográfico sobre uma cidade imaginária, com as potencialidades e contradições das esquizofrênicas urbes tropicais. Esta obra não é aconselhada para pessoas que tenham histórico de epilepsia.

A lobotomia destrói conexões mentais, a técnica da estereoscopia, conforme me apropriou, “racha” o cérebro do fruidor para que se estabeleçam outras sinapses, que eclodindo assim novas sensações. Antilobotomia, expansão dos sentidos originários e multiplicação das articulações entre eles. Estabelecem outras dimensões, acionando e iluminando o tercerio olho.

Peço licença para abrir parênteses para citar o fragmento de uma produção que muito me inspira e é pedra fundamental para uma geração de artistas, dos visuais aos poetas. Há dias estou com o livro Ensaio Fotográficos, de Manoel de Barros, na escrivaninha. Olhava para ele todos os dias, pensando se seria o momento adequado para acionar esta referência incontornável. Influenciado pela morte do autor, oracularmente, apresento uma poesia do referida publicação:

MIRÓ

Para atingir sua expressão Fontana
Miró precisava de esquecer os traços e as doutrinas que aprendera nos livros.
Desejava atingir a pureza de não saber mais nada.
Fazia um ritual para atingir essa pureza: ia ao fundo
do quintal à busca de uma árvore;
E ali, ao pé da árvore, enterrava de vez tudo aquilo
que havia aprendido nos livros.

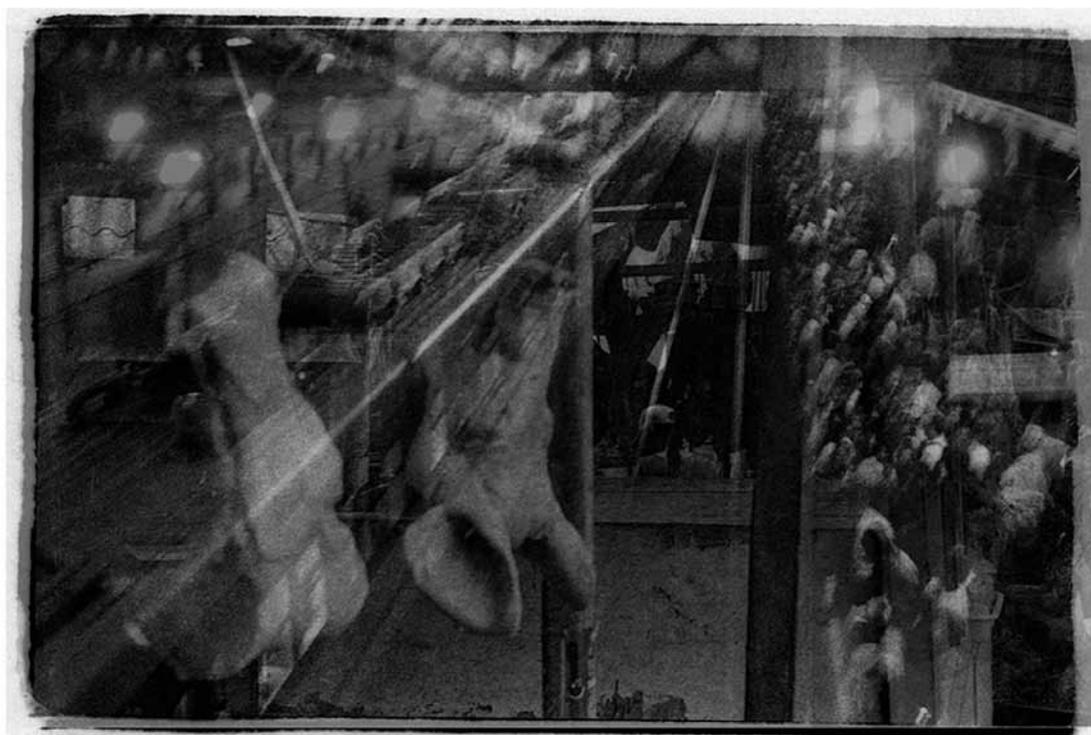


Abaixo: Estação da Sé - São Paulo - SP
Imagem lançada para o olho esquerdo

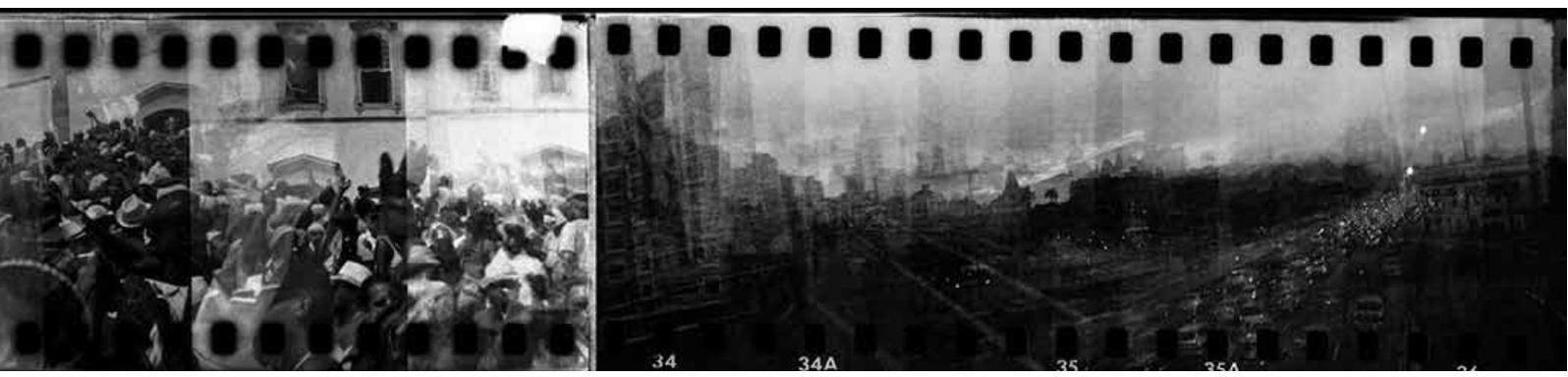
Abaixo: Feira de São Joaquim - Salvador - BA
Imagem lançada para o olho direito

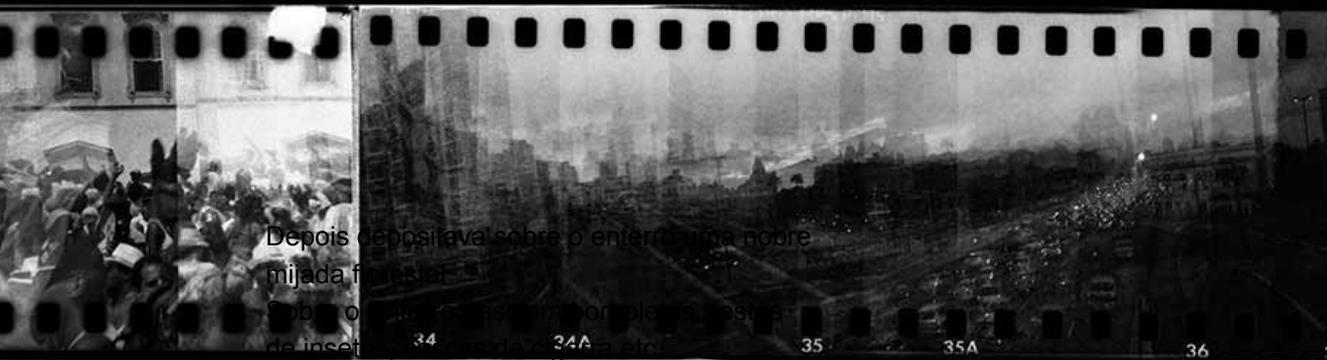


Abaixo: anaglifo, com uma simulação da imagem “entendida” pelo cérebro.



As imagens desta página foram geradas a partir do trabalho Caópolis. Mais detalhes na documentação em vídeo podem ser conferidas endereço da web: <https://vimeo.com/95314498>.





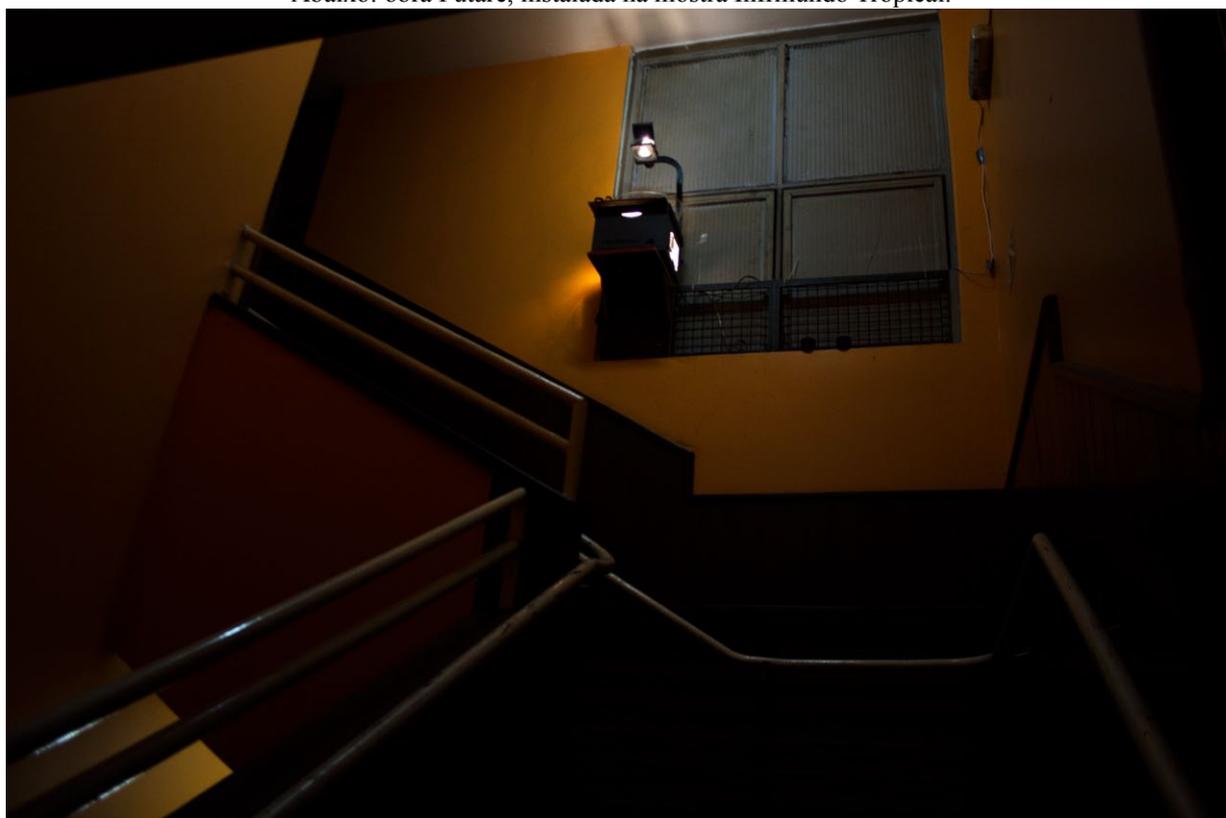
Depois depositava sobre o enterro uma nobre
mijada f...
Sobre o...
da inset...

A partir dos restos Miró iniciava sua engenharia
de cores.
Muitas vezes chegava a iluminuras a partir de um
dejeto de mosca deixado na tela.
Sua expressão Fontana se iniciava naquela mancha
escura.
O escuro o iluminava.

Fecha parênteses.

Um certo imaginário associa a origem da prostituição para a uma genealogia que remete à mitologia grega. Uma história das mulheres que tinham acesso ao universo masculino e privilégio de conviver com um certo ambiente intelectual, e da “alta” cultura da Grécia Antiga e tinham grande influência na política e decisões da sociedade. “Prostituição era sagrada e todas as prostitutas eram sacerdotisas da grande Deusa Inanna ou Istva” (ROBERTS,1998, p23). “Puta era também uma palavra que designava essa divindade. Buscando a etimologia de tal palavra encontramos que ela advém do verbo latino putare que significa: pensar, calcular, julgar, refletir, medir, ou seja, atividades ligadas ao intelecto” (ROBERTS,1998, p42). Considera-se “a prostituição como a profissão mais antiga da Terra.” Seguramente a troca de sexo

Abaixo: obra Putare, instalada na mostra Inframundo Tropical.



por dinheiro e outros favores, é amplamente difundido nas mais distintas sociedades humanas.

Na contemporaneidade das sociedades ocidentalizadas, a prostituição é uma atividade predominada pelo sexo feminino, talvez pela detenção que o gênero tem sobre o controle do ato sexual. Claro, há homens que se prostituem para mulheres, homens, casais, etc., podemos ter idéia de uma certa estimativa quando comparamos número de ofertas de cada gênero nos anúncios de jornal.

“Outro gênero” bastante abundante na putaria é a classe de travestis. Estes são considerados semideus@s em algumas cosmovisões, por incorporarem pelo menos devires masculinos e femininos, pelo menos. A imagem de Shiva, por exemplo, incorpora ambos gêneros. As hijras indianas são transgêneros, intersexuais ou eunucos, um grande grupo de sacerdotisas transviadas. O termo muçulmano para esta “casta” é mukhannath (ou muhannas). Tiresias (Τειρεσίας), conforme a mitologia grega, foi um famoso profeta que se transformou em mulher. Em uma discussão entre Zeus e Hera, Tiresias é questionad@ sobre quem tem mais prazer, o homem ou a mulher? Hera apostou que o homem é que tem mais prazer, Zeus dizia que é a mulher. Tirésias decidiu a questão: “se dividirmos o prazer em sete partes, a mulher fica com seis e o homem com uma.” Hera, furiosa por sua derrota, cegou Tirésias por vingança. Mas Zeus, compadecido e em recompensa por Tirésias ter dado a ele a vitória, deu-lhe o dom da mántis, a previsão.

O Hotel Diamante que hoje abriga quase exclusivamente bonecas. Há pouco

Abaixo: detalhe da obra Putare, instalada na mostra Infrmundo Tropical.

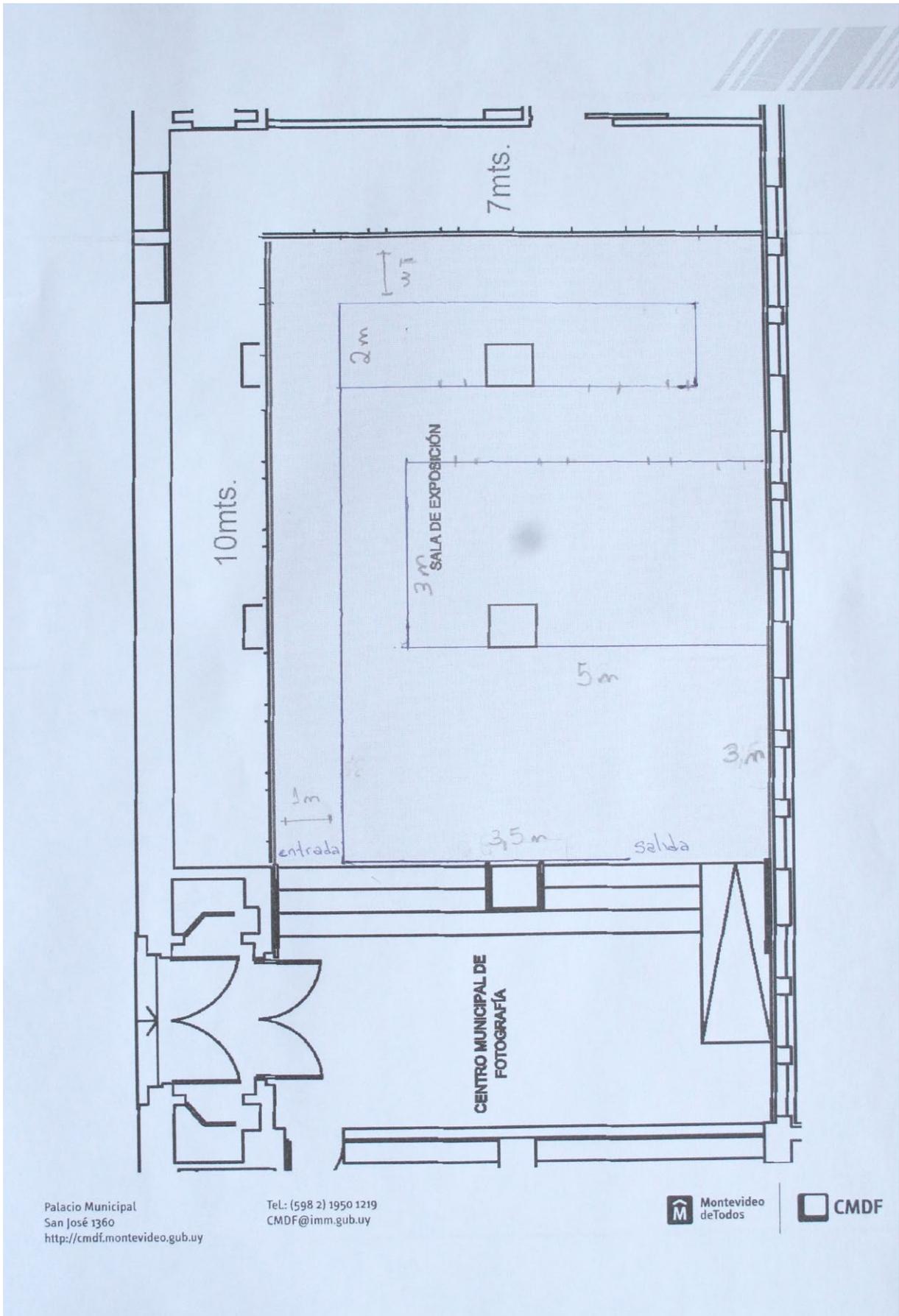


tempo o único transexual que trabalhava como na zona da Gauicurus era meu amigo Sarug. Protagonista do filme o Céu Sobre os Ombros do cineasta Sérgio.Borges ele foi meu contemporâneo em tempos de FAFICH, onde graduou-se em psicologia e fez mestrado em letras. Foi precursor e continua o único a trabalhar nos hotéis “femininos” onde entre uma foda e outra, corrige os trabalhos dos seus alunos nos cursos de graduação e pós-graduação à distância. El@ acredita na prática prostitutiva como local de escuta privilegia e também espaço onde “cuidar do desejo consistirá em orientá-lo para o Ser. Então, a prostituta cura um cliente levando-o de volta a fonte transcendente do seu ser, que é a alegria.”

Com a chegada de novos empresários, a prostituição de travestis foi incorporada ao cenário da zona. Em 2012 o Hotel Ruby, abriu suas portas em plena praça da Rodoviária e acolheu aqueles que antes apenas trabalhavam na rua. Em 2014, encamparam o Hotel Diamante, entendendo a prostituição de travestis também para este lupanar. Dialogar com este espaço e criar o site específico Inframundo Tropical, propõe o deslocamento espacial, social e sensorial vetorizado pela arte. No léxico da Arte Contemporânea podemos também chamar esta atitude de happening. “O termo happening, como categoria artística, foi utilizado pela primeira vez pelo artista Allan Kaprow, em 1959. Como evento artístico, acontecia em ambientes diversos, geralmente fora de museus e galerias, nunca preparados previamente para esse fim. (...) artistas como Kaprow e Jim Dine, programavam happenings com o intuito de “tirar a arte das telas e trazê-la para a vida” (Wikipedea). Assim como a “A arte ainda pode

Abaixo: Coleta de sêmem dos clientes das para putas para gotejamento na obra Putare.





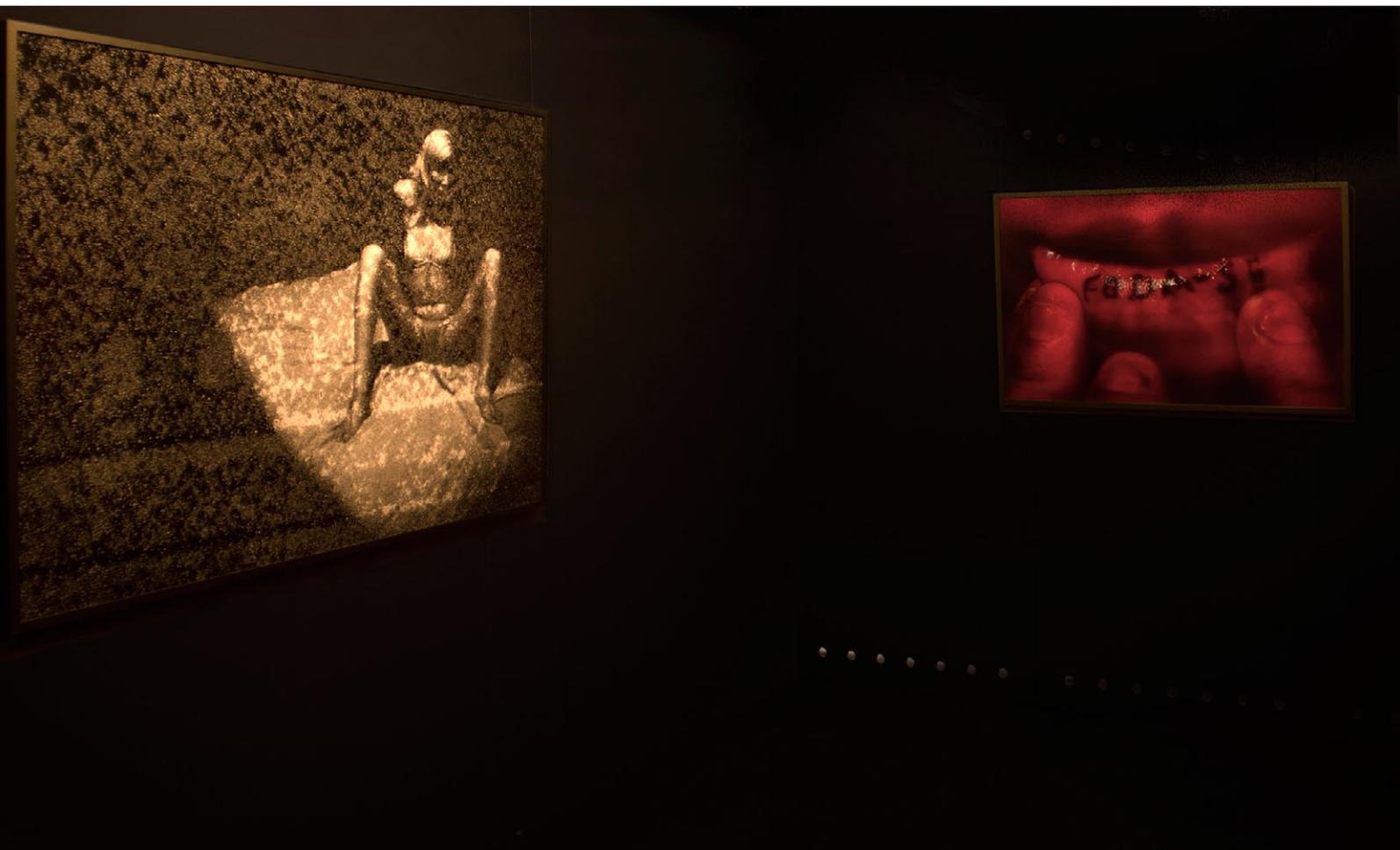
Acima: planta baixa da montagem da exposição Umbral de las Pasiones, que aconteceu no Centro Municipal de Fotografía de Montevideo em outubro de 2012.

ser encontrada na antiobra – no happening, na performance transitória e “perdida” que não pode virar peça de museu -, no corpo e em outros objetos do mundo sensorial”.

Instalamos a obra/altar dedicado à Putare, sobre a escada que dá acesso à cobertura. Um retroprojector refletia durante horas a ação do gotejamento de sêmen sobre as imagens impressas em papel absorvente e translúcido. Luciana coletou a porra de todos os seus clientes do dia, juntamos tudo em apenas um códon, que foi furado na base e verteu o néctar que amalgamou as imagens. O sêmen foi amplamente utilizado como símbolo de fertilização. Por exemplo, na obra *Balkan Erotic Epic*, Marina Abramovik promove uma cena de homens penetrando a terra. Uma questão que pouco falada e que merece minha atenção também diz respeito ao gozo e ejaculação femininas.

O sistema subterrâneo que funciona acima do nível da rua tem uma complexa cartografia de corredores e escadas. Sedutor labirinto que é recorrente na minha produção, especialmente nas duas exposições aqui analisadas. O labirinto da existência, em sua dimensão temporal ou espacial. O contato com a literatura de Borges, que tive a oportunidade de ler em língua original durante os meses que antecederam esta escrita foi importante contato com a obra maestra em língua espanhola. Conta-se que Luis Borges tinha um sonho recorrente onde entre nevoeiro se via em um quarto fechado, sem janelas e somente com uma porta. Este quarto se comunicava com outro igual, e este com outro, indefinidamente. Sempre havia uma luz que lhe mostrava uma es-

Abaixo: detalhe das obras instaladas, exposição *Umbral de las pasiones* -Montevideo.



pécie de labirinto sem fim que ele percorria sem cessar, até que despertava angustiadíssimo. Sigo com a citação de uma das inúmeras obras de Borges que remetem á temática do seu sonho agônico:

No habrá nunca una puerta. Estás adentro
Y el alcázar abarca el universo
Y no tiene ni anverso ni reverso
Ni externo muro ni secreto centro.
No esperes que el rigor de tu camino
Que tercamente se bifurca en otro,
Tendrá fin. Es de hierro tu destino
Como tu juez. No aguardes la embestida
Del toro que es un hombre y cuya extraña
Forma plural da horror a la maraña
De interminable piedra entretejida.
No existe. Nada esperes. Ni siquiera
En el negro crepúsculo la fiera.

A planta baixa da galeria do Cmdf demonstra como foram montadas as paredes cenográficas, ampliando muito o espaço de circulação. A iluminação foi bastante reduzida e tinha-se que andar por dois corredores escuros e vazios antes de se deparar com os estereoscópios embutidos na parede. A trilha sonora que acompanhava o visitante era o Ofício de Trevas, composição do barroco mineiro, gravada pelo Coral Lírico e Orquestra Sinfônica de Minas Gerais. A composição do Padre Antônio Maria Xavier remete ao ritual que acontece durante a Semana Santa simbolizando o corpo

Abaixo: detalhe da exposição Umbral de las pasiones, políptico com 10cm de altura.



de Jesus no período depois da morte e antes da ressurreição. A ação litúrgica ainda acontece nas celebrações em São João del Rei, em Minas Gerais.

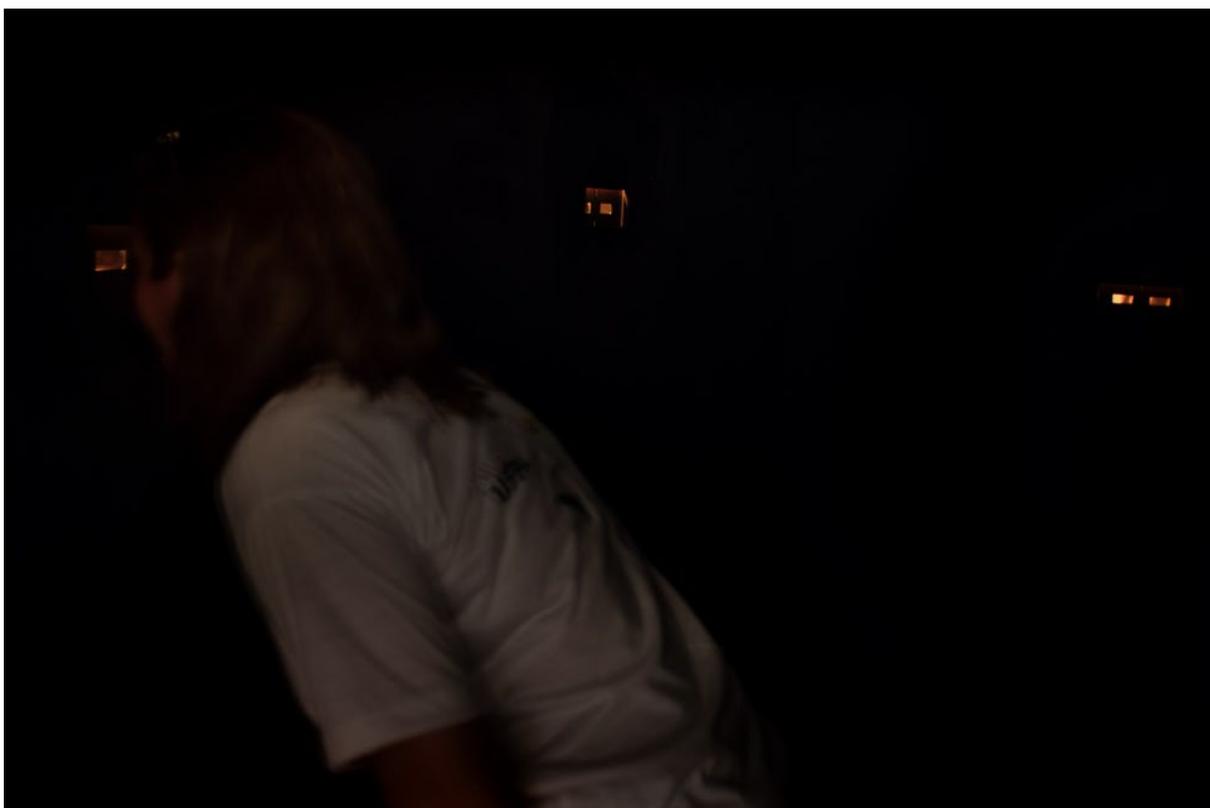
O Inframundo, enquanto rede energética universal, funciona em paralelo às forças explícitas do mundo cotidiano. Outra dimensão, como aquela representada na animação Caverna do Dragão. Assim como na série televisiva, esse hemisfério é labiríntico e carregado de mistérios e, vez ou outra, um portal é aberto, fazendo conexão com o outro mundo. A exposição realizada na capital uruguaia funciona como um portal de articulação entre mundos, uma ressurgência do fluxo das profundezas. Muitas pessoas que compareceram à abertura, mesmo no ambiente seguro da galeira, ficaram com receio de penetrar na instalação, muitos não entraram e alguns voltaram no meio do caminho. Segue um texto reflexivo sobre a experiência no momento da inauguração desta mostra.

Umbral de las pasiones

O manto negro que cobre toda a parte frontal da galeria do CDF, em Montevideo, Uruguay. Muitos não entram e, quando convidados, rejeitam.

Quem se arrisca e rompe a barreira de tecido, atravessa o portal para uma outra dimensão. Sobre a cabeça de quem entra está instalada a primeira obra, porém ela não é percebida, ali está o guardião que nos conduzirá até ejeção deste universo labiríntico. Tateando pelo longo caminho chegamos à primeira curva. Frustração, um novo corredor escuro pela frente. A pupila se distende, a densidade do silêncio impera e o vazio aperta o peito. Meus pés se movem involuntariamente. Mais uma curva, uma pequena

Abaixo: obra “sem título” montada na mostra do II Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia, Museu de Arte Da Universidade Federal do Pará.

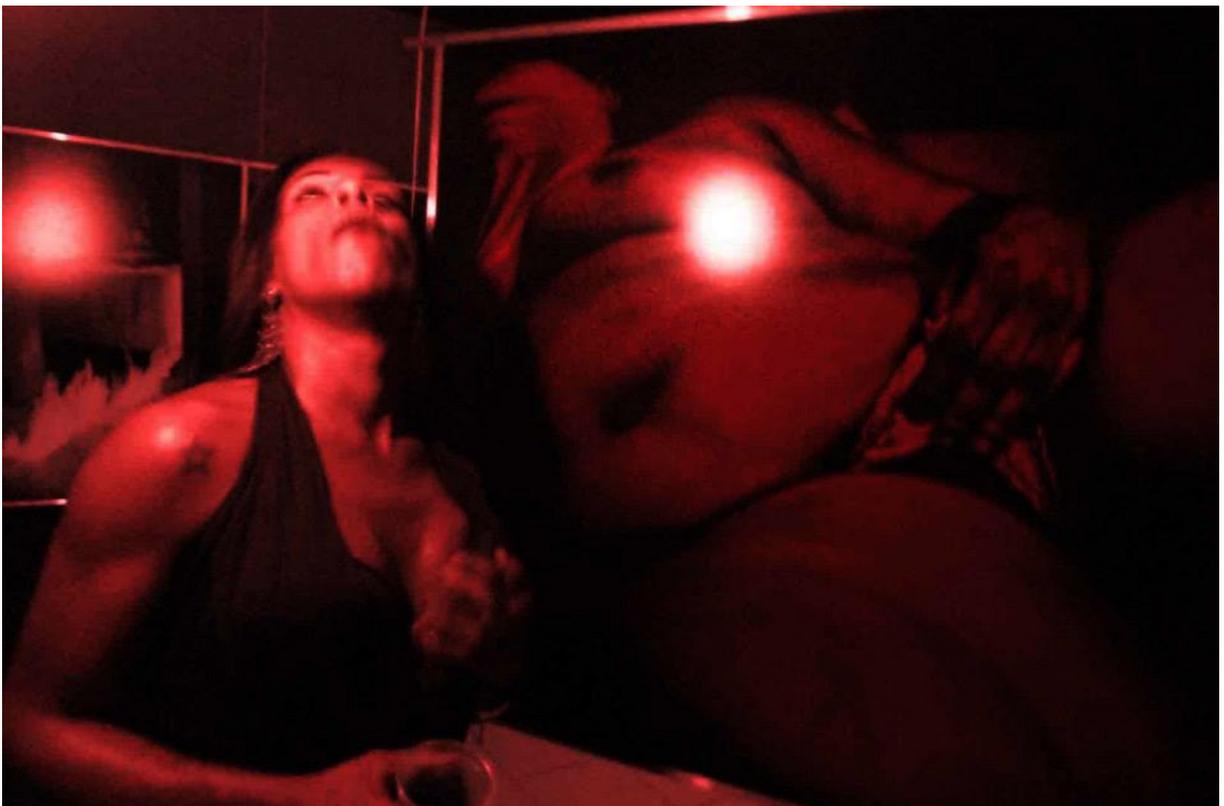


fenda emite luz que atravessa a parede, alívio. Uma mão envolve minha nuca e direciona os olhos a espiar o que está escondido naquele pequeno buraco. Arrebatamento. Pisco. Aquilo não pode ser verdade. Pisco de novo. Afasto. O desconforto me leva à próxima fenda. Não quero ver. A mão na minha nuca é mais forte. Outra... outra. O grito surdo esmaga minha garganta. Fim do corredor. Giro minha cabeça e vejo que em poucos passos o ambiente se expandirá. Ando rápido. A galeria se abre, suspiro aliviado. Fico olhando para o chão tentando me recompor. Respiro fundo e girando sobre os calcanhares, lentamente levanto o olhar. Cilada. (Francilins, 2012)

Ao percorrer os corredores encontramos a sala com as ampliações em formato. São fotografias impressas em jato de tinta com pigmento mineral, variando entre 70x100cm até 120x180 a maior, emolduradas sem vidro em caixas de madeira. A iluminação neste espaço foi realizada por uma lâmpada de tungstênio de 15w, graduada para aproximadamente 1/5 da sua potência. As obras visualizadas através dos estereoscópios de espelhos, apresentavam duas ampliações de 20x30 cm.

Abaixo, montagem dos estereoscópios no Museu de Arte da UFPA, durante a exposição do Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia em 2011. Importante grifar que o livro *Limbo* também participou da mostra do Prêmio no ano de 2014, sua primeira exposição como “obra”. Pará que é terra de Guy Veloso, artista que figurou como curador da mostra no Uruguai, e do qual cit um fragmento do texto de apresentação da mostras ? Cuales serían las fronteras de la pasión? Ciertamente no son la moral y las buenas contumbres? ? La ley, la religión, lós Instintos? Quizás. Con Francilins

Abaixo: Luciana na sala das ampliações na mostra *Inframundo Tropical*. Foto: Henrique Usa Bin.



no hay limites. Mas que voyeur, um testigo, es um participante de dichos actos. La cámara sustituye su cuerpo (...).

As ampliações foram as mesmas exibidas na suíte do último andar, que foi pintada de preto especialmente para a mostra. No puteiro mineiro utilizamos perfis de alumínio em “u”, suspensos por cabos de aço para sustentar as obras e iluminamos com luzes quentes e pouco intensas.

Arrastar fruidores de uma certa “zona de desconforto” para outra, carrega a intenção de promover o atravessamento, como aquele que me atravessa quando percorro os corredores do Diamante. Templo de ninfas que exibem seus pausduros para o público curioso e fascinado pelas suas lindas tetas. Abundância de peitos naturalmente modificados por hormônios transgênicos ou artificialmente siliconados pelo bisturi ou agulhada, guardam fortes corações. Vencem a batalha do dia a dia numa sociedade hipócrita, preconceituosa e hostil, para quem oferecem seus dotes.

Se ali aportará a gentrificação? Como ocorre em propostas artísticas como aquela que aconteceu nos Moinhos Matarazzo (Arte cidade 3), onde “Um mega—evento cultural que, a despeito de seu discursos, acabou por higienizar temporariamente os locais de visitaçao e fazer da marginalidade um espetáculo. De qualquer maneira, o resultado continuaria problemático e mostrava uma dimensão irônica (e trágica) da iniciativa: artistas só podiam mostrar a marginalidade social porque a presença real desta fora extraída. WOOD et Alli no texto Estetização e conflito: reflexões sobre o projeto urbano Arte/Cidade (Gabriel Girnos Elias do Souza). Também é possível que “o poder da produção artística pode ser colocado a serviço da dominação ou

Abaixo: Cobertura da mostra Inframundo Tropical, Bendita Comunicação, foto: Élcio Paraíso. Corredores de uma das “Zonas” da Guaicurus.



da emancipação. Aos artistas cabe então elaborar defesas contra as estratégias de subordinação (Brisac Peixoto).

Deslocar sujeitos da Tradicional Família Mineira, como eu é o gérmen de acontecimentos que têm perpetuado e potencializado a proposição primeira. Após a o período da exposição Produtores de eventos “descobriram” o Hotel Diamante e tem realizado com muita frequência festas como “O Lindo Lago do Amor”, que perpetuaram o deslocamento da “zona sul” para aquele labirinto imantado de sexo. Diamante é mais uma vez é precursor, no sentido de incorporar, ou melhor, reincorporar diferentes públicos ao puteiro. Após sete meses da abertura da exposição os dizeres da fotografia continuam indicando o portal entre mundos situado na encruzilhada da São Paulo com Santos Dumont.

Livro Limbo, na exposição Inframundo Tropical. Abril de 2014.



Rodrigo Araujo Baiano

+ Nova mensagem

⚙️ Ações

🔍



Rodrigo Araujo Baiano

📅 6/5/2014 20:4

ah, tem mais...rs

o porroscópio queimou a luz, mas ta funcionando

ta fazendo barulho e a ventuinha gornado

girando

no final de tudo, quando estava descendo ja com as minhas coisas me deparo com um pequeno desentendimento entre dois caras e uma das meninas, uma morena que trabalha ao lado da gerência.

De repente só vejo uma mochila se abrindo e uma "FACA" do tamanho do "INFRAMUNDO" saltando e o "GOY" dizendo: – Quer pagar para ver?

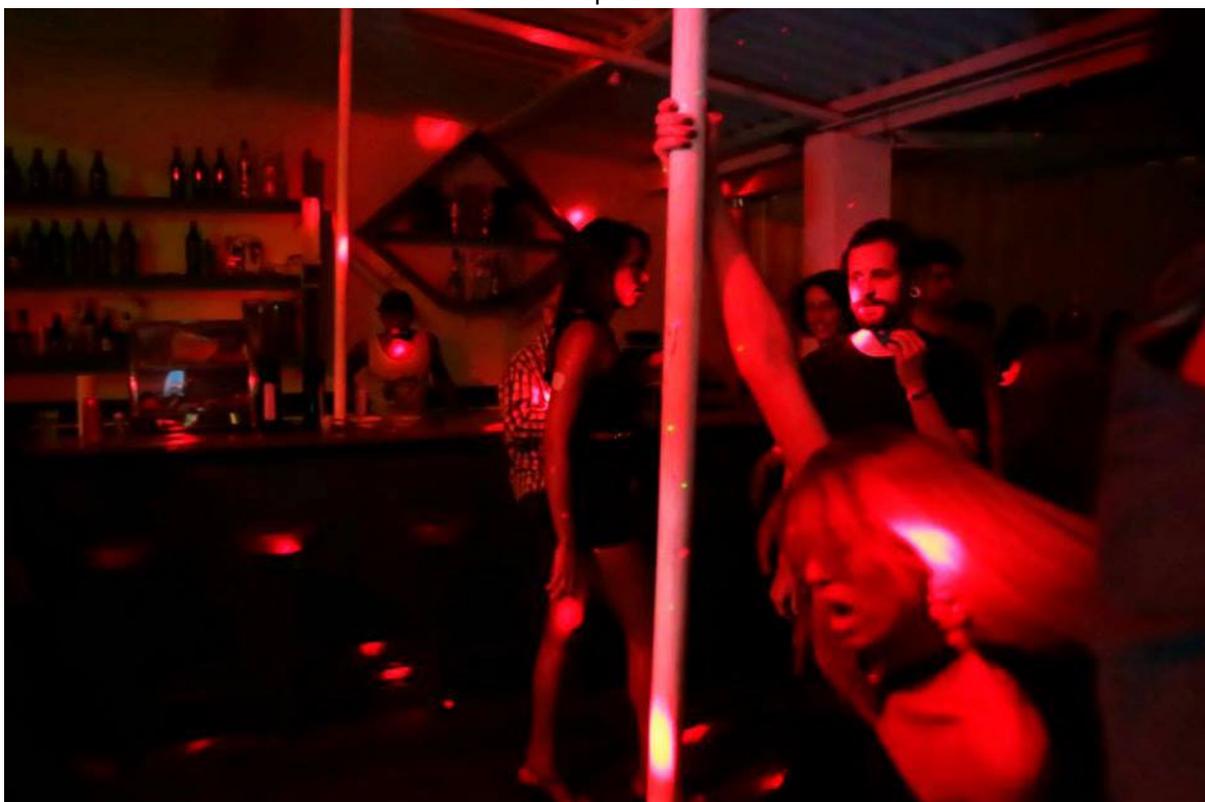


Rodrigo Araujo Baiano

📅 6/5/2014 20:5

e eu, entre um dos Goys, ao lado da lâmina, sem mãos nem pernas, pois não tinha para onde correr, encurralado. O nóia só olhava de longe, foi quando o segurança de nome Guilherme, crescido na zona, em voz branda disse assim: – Na humildade irmão, vamos descer, guarda isso aí, na humildade...

Acima: a título de anedota, uma conversação com Rodrigo Baiano, um dos montadores da mostra Inframundo Tropical.



Francilins Página inicial

Rodrigo Araujo Baiano + Nova mensagem Ações

Rodrigo Araujo Baiano 6/5/2014 20:51
e eu, entre um dos Goys, ao lado da lâmina, sem mãos nem pernas, pois não tinha para onde correr, encurralado. O nória só olhava de longe, foi quando o segurança de nome Guilherme, crescido na zona, em voz branda disse assim: – Na humildade irmão, vamos descer, guarda isso aí, na humildade...

Rodrigo Araujo Baiano 6/5/2014 20:51
e eu, entre a humildade e a lâmina inframundana, afiada, nervosa.
Após alguns "na humildade" a faca resolve voltar para a mochila e os GOYS resolvem descer as escadas e guardar a faca em outra gordura.
mas saiu dizendo em voz alta: – Me procura lá no batizal, me procura lá que você vai achar!
após esse episódio, terminei de carregar o taxi com o nória, que acabou ficando sem o mp3.
ficou na lembrança os gritos da gerente por trás da grade protegida das facas

Francilins Castilho Leal 6/5/2014 23:03
fechando com chave de ouro. muchas gracias!

Abaixo: interações entre os fruidores do happening Iframundo Tropical ao som de Valdir Black.



INFRAMUNDO TROPICAL

INTERAÇÕES ARTÍSTICAS

FRANCILIN

ABERTURA: 22/04/2014 - 20h
COM APRESENTAÇÃO DO DJ VALDIR BLACK
EM EXIBIÇÃO ATÉ 04/05, DIARIAMENTE DE 10 ÀS 22h
HOTEL DIAMANTE - AV. SANTOS DUMONT, 574, CENTRO -

Apoio:



HOTEL RUBY

HOTEL DIAMANTE

INFRAMUNDO TROPICAL

Francilins

INFRAMUNDO TROPICAL
Interações artísticas no Hotel Diamante - MG
Abril/2014

Concepção, direção e obras
Francilins

Som
Rodrigo Araujo Baiano

Montagem
Mateus Mesquita e Rodrigo Araujo Baiano

Inframundo Tropical é uma exposição de arte contemporânea que ocupa um dos hotéis da Guaicurus, o maior complexo de prostituição do Brasil. O site específico propõe um diálogo entre este universo paralelo e complementar ao da luz do dia com proposições artísticas. Um grande penetrável, onde estão montadas as instalações *caópolis* e o diptíco *fenda e cunha*, trabalhos em estereoscopia visual e auditiva, que provocam o deslocamento dos sentidos no fruído do trabalho. Uma sala com ampliações fotográficas em grande formato, o livro-coisa *limbo* e a instalação *putare* complementam a mostra.

Quando:
22/04/2014 – A partir das 20h, com a apresentação do DJ Waldir Black
23/04 a 04/05 – diariamente de 10 às 22h

Onde:
Hotel Diamante, Av. Santos Dumont, 574, Centro, Belo Horizonte

Mais informações:
www.francilins.com

Capítulo 3 - LIMBO

LIMBO

Somente a transgressão possuía, a despeito de seu caráter perigoso, o poder de abrir uma porta para o mundo sagrado.
O Erotismo - Georges Bataille

Dante é despertado por um trovão e acha-se na orla do primeiro círculo. Entra depois no Limbo, onde estão os que não foram batizados, crianças e adultos. Mais adiante num recinto luminoso, vê os sábios da antiguidade, que, embora não cristãos, viveram virtuosamente.
3A verdade é que então na borda estava

Do vale desse abismo doloroso,

Donde brado de infindos ais troava.

6Tão escuro, profundo e nebuloso

Era, que a vista lhe inquirindo o fundo,

Não distinguia do antro temeroso.

30Escutei: não mais pranto lastimeiro

Ouvi; Suspiros só, que murmuravam,

Vibrando do ar eterno o espaço inteiro.

39 Que não pecaram: boas obras tendo

Acham-se aqui; faltou-lhes o batismo,

Portal da fé, em que és ditoso crendo.

Canto IV (fragmentos). A Divina Comédia - Dante Alighieri

Na passagem da Divina comédia de Dante Alighieri, encontramos a descrição do Limbo acessado a partir do Inferno. Espaço onde vivem os sábios da antiguidade e aqueles não batizados na Igreja Católica. É a “casa” de Virgílio, mestre que conduz Dante por parte do trajeto, e de grandes pensadores, como Horácio, Demócrito, Platão e Sócrates. Também é antessala dos luxuriosos e em algumas versões da mitologia cristã, os que aí passaram, podem ter ascensão direta aos céus, sem estágio no Purgatório.

No senso comum “limbo” remete a um espaço perdido, que está na franja, na liminaridade. Segundo o dicionário informal.com.br: Olvido, esquecimento. Lugar para onde se atiram as coisas inúteis, orla, borda, rebordo. Do ponto de vista das vivências humanas, pode caracterizar-se por um estado ambíguo do ser entre vários estados de ser, a antropóloga Mary Douglas chama-o de estado de “matéria fora do lugar”.

O livro LIMBO é um nó nas linhas de forças da minha produção sobre o assunto, uma interseção entre o limbo, externo, social, com aquele que ocupa minha alma. Paraphraseando o escritor Guimarães Rosa: O Limbo é dentro da gente. A obra foi lançada em dezembro de 2013 e é um dos produtos artísticos desenvolvido durante o mestrado em Processos Criativos em Artes Visuais da UFBA. A produção foi realizada com financiamento público, via Fundo Municipal de Cultura da cidade de Belo Horizonte e finalizada durante a residência artística que realizei no segundo semestre de 2013 na Fundação Armando Alvares Penteado – FAAP, em São Paulo.

As imagens que compõem o livro foram geradas nos últimos doze anos (2001-

2013 de errâncias pelo Limbo materializado, principalmente por uma hemisfério que me é particularmente familiar: o complexo de prostituição da Guaicurus. Este pode ser considerado uma sucursal do Limbo em Belo Horizonte, ou ainda, um portal de acesso a essa rede energética que universal. Um espaço “esquecido” no coração da capital mineira, onde milhares de mulheres e travestis diariamente trocam dádivas sexuais por papel moeda. Uma verdadeira cidade suspensa, composta pelo emaranhado de corredores de mais de vinte edifícios, que poderia figurar no rol das Cidades Invisíveis de Ítalo Calvino, como a centrípeta Anastácia (A cidades e o desejo - 2):

A três dias de distância, caminhando em direção sul, encontra-se Anastácia, cidade banhada por canais concêntricos e sobrevoada por pipas. Eu deveria enumerar as mercadorias que aqui se compram com preços vantajosos: ágata ônix crisópraso e outras variedades de calcedônia; deveria louvar a carne do faisão dourado que aqui se cozinha na lenha seca de cerejeira e se salpica com muito orégano; falar das mulheres que vi tomar banho no tanque de um jardim e que às vezes convidam – diz-se - o viajante a despir-se com elas e persegui-las dentro da água. Mas com essas notícias não falaria da verdadeira essência da cidade: porque, enquanto a descrição de Anastácia desperta uma série de desejos que deverão ser reprimidos, quem se encontra uma manhã no centro de Anastácia será circundado por desejos que se despertam simultaneamente. A cidade aparece como um todo no qual nenhum desejo é desperdiçado e do qual você faz parte, e, uma vez que aqui se goza tudo o que não se goza em outros lugares, não resta nada além de residir nesse desejo e se satisfazer. Anastácia, cidade enganos, tem um poder, que às vezes se diz maligno e outras vezes benigno: se você trabalha oito horas por dia como minerador de ágatas ônix crisóprastos, a fadiga que dá forma aos desejos toma dos desejos a sua forma, e você acha que está se divertindo em Anastácia quando não passa de seu escravo.

Apesar de complementares, a cidade de Belo Horizonte está em guerra silenciosa contra sua imagem negativa: a Guaicurus. Ali vivem seres abominados pela fala do povo, que se delicia em suas línguas. A contradição varre para cima da cabeça dos pedestres o maior complexo de prostituição do país, amalgamado no coração de um dos estados mais católicos do Brasil. Atração e repulsão geram antagonismos que são relatados desde o romance de Roberto Drummond, que celebrizou a lendária Hilda Furacão, puta de dotes inomináveis, que celebrizou-se como personagem na adaptação da narrativa feita para uma série televisiva.

Como apresentado no primeiro capítulo desta dissertação, para entrar em contato com este universo é preciso entrar em fase vibratória ele. A sintonia viabiliza os encontros, verdadeiros choques tectônicos que se corporificam em fotografia. Fotografia que é resultado de um longo percurso: o tempo de espera, dedicação aos estudos, exercícios de afinação, a fatídica abertura do obturador, a espera (sempre presente), os banhos alquímicos, a digitalização, o laboratório... E, neste caso, a transposição para gravura e a impressão.

Neste capítulo cambaleio pelo processo de elaboração livro-coisa Limbo, tanto do ponto de vista formal/material, como pelos princípios ontológicos/conceituais que norteiam a empreitada.

LIVRO-COISA: SURUBA

O livro pode ser deglutido em uma sequência linear, folha após folha, pautado pelo manuseio das abas também podemos formar múltiplos polípticos pela sobreposição de diversas camadas, uma verdadeira suruba, em termo nativo da Guaicurus. Como num sexo grupal, as individualidades multivetoriais podem ser recombinadas a todo momento, mudando a forma do todo e deslocando a concentração energética, o punctum, da cena.

Pontuaram similitudes com a obra Bichos da conterrânea Lygia Clark, congruências podem ser acionadas a partir da reflexão do crítico Frederico de Moraes sobre a obra da artista mineira:

Na perspectiva neoconcreta seria o autor de uma estrutura inicial. A qual, mesmo podendo ser considerada uma obra concluída quando imobilizada em qualquer de suas faces, somente alcançaria plenitude significativa com a participação ativa do espectador. Os Bichos projetados por Lygia Clark, referidos por Mario Pedrosa como “máquinas de produzir espaços”, têm seu próprio tempo, mas estão permanentemente abertos à temporalidade da ação do espectador, que emerge como um cocriador da obra. Ocorre então uma troca de dons – um verdadeiro Potlatch, para os termos da antropologia cultural. Quando alguém perguntou a Lygia quantos movimentos o Bicho podia efetuar, ela respondeu: “Não sei nada disso, você não sabe, mas ele sabe.”

Limbo, livro-bicho, livro-coisa. Livro-suruba, seu papel grosso e absorvente convida à carícia, propondo um manusear criativo a cada toque, a cada movimento, sua energia é potencializada e resignificada.



MELHOR VISUALIZADO COM LUZ QUENTE.

Uma questão elementar da fotografia é luz, disto todos sabemos. A atenção meticulosa em relação à fonte luminosa no que se refere à sua temperatura de cor, intensidade, forma de propagação... sempre foi uma preocupação elementar do fotógrafo cuidadoso. Para dar continuidade neste trato com a matéria fotográfica, é elementar o controle das características da energia que refletirá sobre a folha de papel e conduzirá a informação visual até nós. Vivemos sob uma ditadura de fontes artificiais fluorescentes, ou mais recentemente, das lâmpadas led, e nem e sequer sabemos o resultado da sua utilização destas tecnologias em nossos corpos, a médio e longo prazo. Para contornar esta situação, cada um dos livros contém uma fonte de luz própria, o que dá autonomia de visualização até nos ambiente sem energia elétrica.

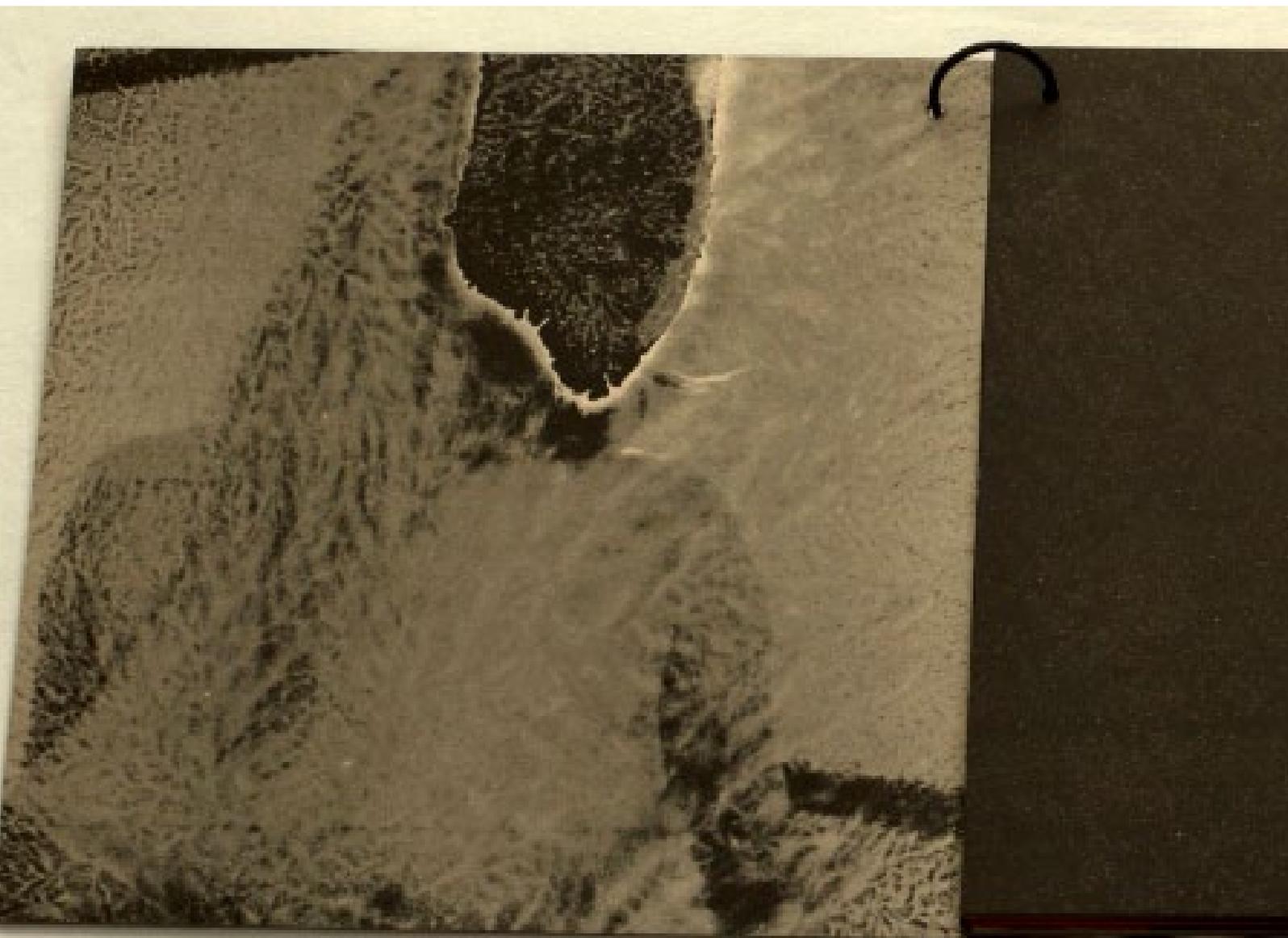
Dentre todas as fontes luminosas, a luz do fogo talvez seja a mais distanciada do nosso cotidiano nas grandes cidades. A vela que acompanha cada um dos livros propõe uma religação com este elementar primordial. Fogo, que possui lugar central em quase todas as cosmologias humanas, é considerado por muitos a encarnação do sol na terra. Além disso, o fogo cultivado nas velas de parafina tem importância litúrgica em diversas religiões, da Igreja Católica aos terreiros de Candomblé.



A FORMA

A obra fechada, tem 29 x 29 centímetros, as lâminas internas 29 x 46 cm quando abertas. Estas possuem uma dobra no centímetro 18, formando três espaços distintos: quadrado de 29 x 29, um retângulo de 18 x 29 e a folha aberta totalizando a superfície total impressão. Esta formatação abarca múltiplos formatos para apresentação das fotografias, retângulos horizontais e verticais em dois tamanhos e o do quadrado, além de gerar o jogo de ocultamento/revelação em função da abertura das abas. Todas as imagens são estampadas “sangradas”, com a mancha de impressão para além de limite do corte. Elas são articuladas por um anel de aço com 40 mm de diâmetro com um fio de 3 mm de espessura, este material recebeu banho de cobre para escurecimento do metal.

O papel utilizado no miolo foi o Papyrus Vitacarta 350g e na capa o Papyrus Vitacarta 300grs, que foi empastado em papelão cinza. No envelope usamos Kraft Natural 400gr, este conta com velcro para fechamento e o título do livro foi carimbado na face externa. Na parte interna da orelha do envelope vem firmado o segundo carimbo com a indicação: Melhor visualizado luz quente – Best viewed with warm light. O pacote



também contém uma vela de parafina para iluminação da obra, foram testados diversos formatos e o mais adequado foi o de 25 cm de comprimento, 27 mm de diâmetro e massa de 80 gramas (vela de doze horas). Os exemplares que estão sendo distribuídos neste momento são acondicionados em saco em americano cru entre o livro e a embalagem.

REVELAÇÃO

Todas as imagens publicadas foram capturadas em película, os filmes em preto e branco foram revelados por mim, que banhei alquimicamente as imagens latentes, fazendo-as emergir aos nossos olhos, trazendo-as à vida. Os negativos e positivos coloridos foram revelados em laboratórios contratados para este fim, mas isto não as deixou imune à intervenção, muitos receberam banhos “a(caos)o”, que agregaram elementos à sua essência. Num segundo momento de elaboração da imagem, os filmes foram digitalizados por scanners específicos para películas, com o CoolScan V e 9000 da Nikon e o Plustek 6200, que atingem respectivamente 4000 e 6200





Possibilidades de reconfiguração plana do Limbo





Varição tridimensional, além da possibilidade de abrir o anel central e dar asas a outras disposições da obra



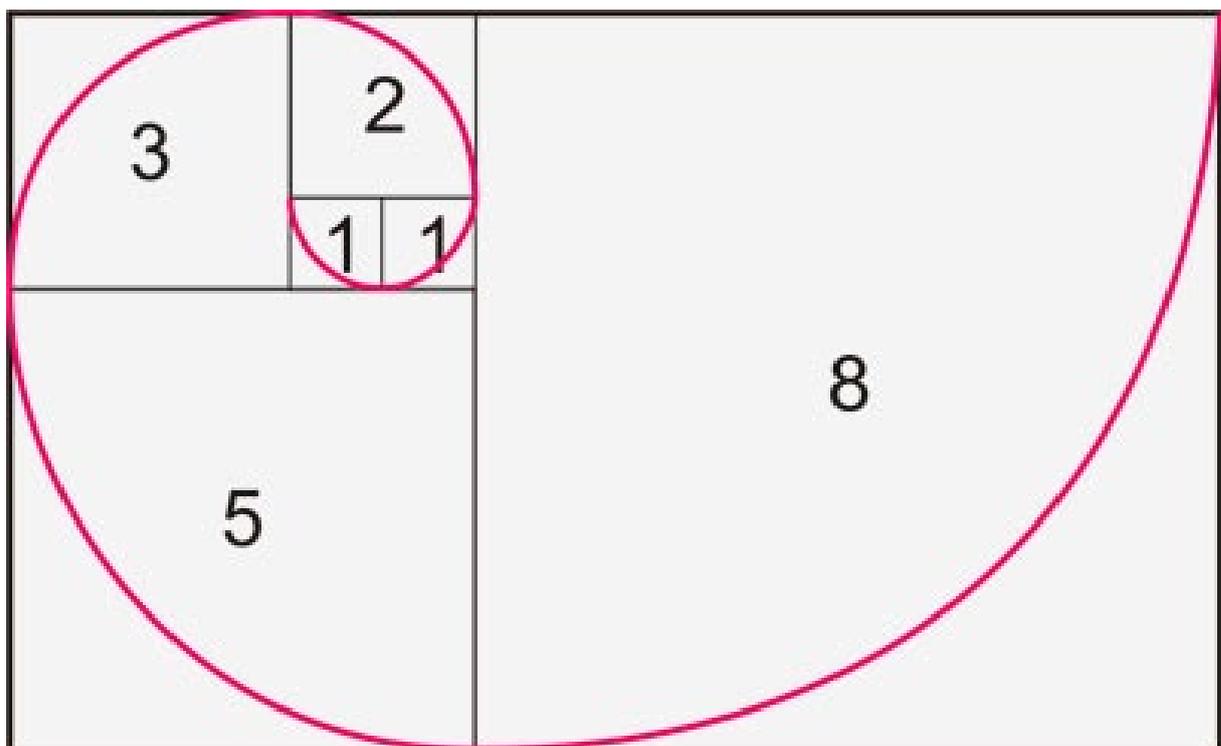
dpi(pontos por polegada) de definição. Esta é uma etapa do processo bastante demorada, uma vez que para digitalizar cada frame pode-se esperar até 4 minutos, durando em média um minuto o escaneamento de cada quadro. Esta etapa também foi realizada exclusivamente por mim, considero muito importante o acompanhamento desse passo, uma vez que se trata do momento em que a figura é sugada para o mundo virtual, através da refração da luz. Um complexo de informações que até agora eram de outra ordem são transpostas e acondicionadas num processador binário, que nada tem a ver com a prata alquímica. No meu processo a sensibilidade é fundamental para fazer o deslocamento da fotografias, que aí recebem um primeiro tratamento digital de contraste e densidade. Nesta temporada intensifica-se o processo de edição, pela primeira vez vejo a imagem “revelada”, positiva e ampliada, que passa um longo período em decantando em minha mente, enquanto o computador trata de fagocitar a próxima foto.

EDIÇÃO

Depois da decupagem, as imagens visualizadas no computador ganham materialidade novamente. Um infundável rompe rompe-cabeças começa a ser jogado e cada uma das impressões começa a vagar entre o céu, purgatório e inferno. Muita música e alucinação acompanham a jogatina, trincas, sequências, reais são conformados sobre mesa, mas somente os coringas se perpetuarão no Limbo.

Pincei um fragmento da sequência de Fibonacci conforme a figura (X), onde a

Amostra da sequência de Fibonacci, cujas proporções foram utilizadas para configurar a publicação



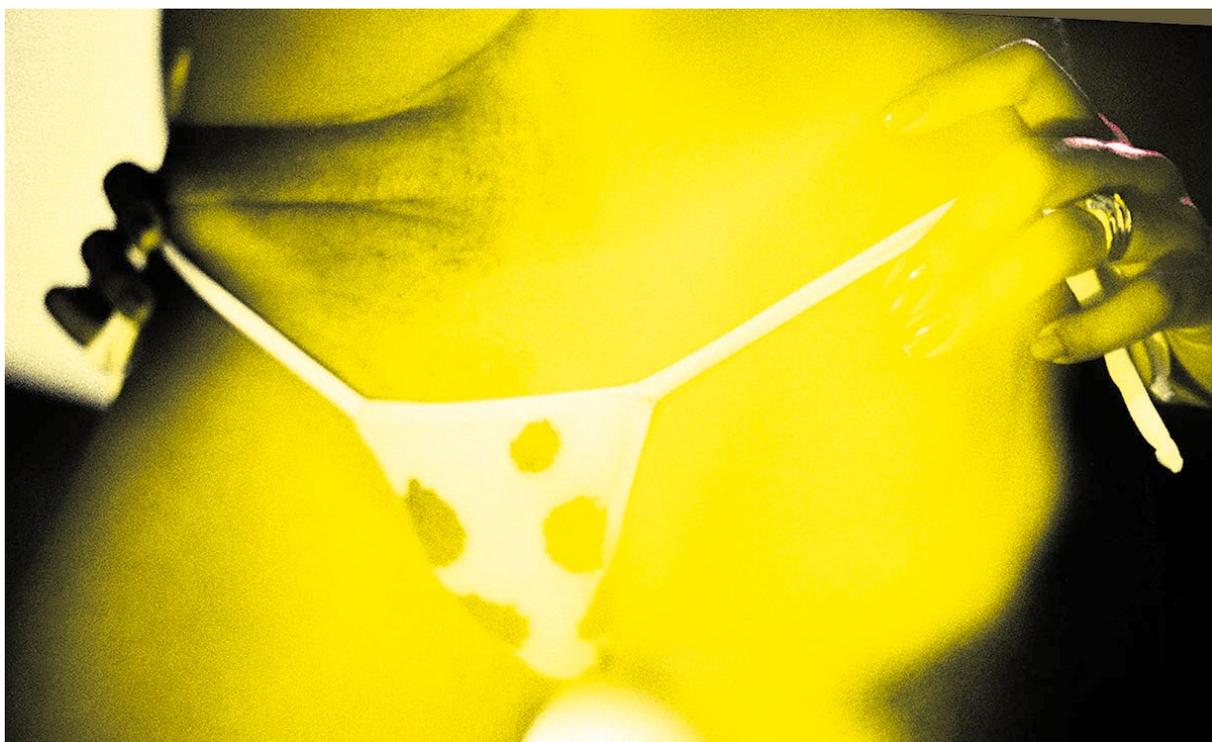
soma dos dois numeros anteriores deternina o próximo. A fórmula que inspirou obras como o Homem Vetusiano de Leonardo da Vinci, e tem diversas comprovoções congruência na natureza é amplamente utilizada nas artes visuais. Me apropriei deste modelo e formatei as pranchas do livro com estas proporções.

Disposições das obras na folha tem uma tendência a se enquadrar em disposições formais, como a regra dos terços, espiral dourado e outros formatos que podem ser encontrados nas ferramentas de corte do Adobe Photohop, Uma estrutura tão mutante e com um conteúdo não convencional necessita de alguns parâmetros funcionando segundo fórmulas decantadas e legitimadas no universo das artes.

O desenho da publicação permite percorrer diferentes caminhos, múltiplas encruzilhadas. Podemos armar uma escultura, editar diferentes polípticos em um plano, abrir a argola e soltar as pranchas, amplia ainda mais as potencialidades da obra. Claro, ela pode viajar por caminhos jamais antes imaginados. O formato próximo ao long play (LP) de vinil pode ativar um laço afetivo com este objeto, tão carregado de afetividade e que serviu de suporte para importantes obras gráficas. Afinal, quem nunca comprou um disco pela capa ou se flagrou admirado com uma. Aproveitando o ensejo cito as capas do Iron Maiden com as tranfigurações do Ed que tanto me encantaram na juventude e que tem embalado esta escrita, junto com os conterrâneos do Sepultura.

Manter alguns parâmetros estáveis, aplicando fórmulas decantadas no universo das artes, era uma questão importante para proporcionar um certo conforto e estima do

Arquivo tratado para gerar o ctp. o amarelo canal amarelo servirá como referência para o vermelho.



fruidor. Associamos a grande flexibilidade do suporte com imutabilidade de seus elementos internos, para isso utilizamos formatos clássicos para a construção das páginas, principalmente aqueles embutidos no Adobe Photoshop, como o espiral dourado, proporção dourada e a regra dos terços.

Na imagem da página anterior baixo podemos observar uma certa coincidência na diagramação da página e a sua correspondência com o espiral dourado. Também podemos observar o taratamento para formação da chapas de ctp, onde o vermelho deve ser dissolvido em magenta e amarelo e um dos canais tratado para se transformar na impressão em vermelho. Um verdadeiro enigma cromático.

IMPRESSÃO

O volume foi impresso na Gráfica Machado, em São Paulo. Trata-se de uma pequena empresa familiar fundada em 1976 por Nilson Machado e hoje tem na direção seu filho, Adolfo. Trabalham com várias demandas relativas a calendários, agendas, brindes, etc. A possibilidade de imprimir um livro que traria desafios foi visto com bons olhos pela equipe, que acolheu o projeto e executou com competência a empreitada.

Utilizamos uma impressora Heidelberg GTO52 de duas cores fabricada em

Abaixo: Gráfica Machado, no segundo plano a máquina onde o livro foi impresso.



1992, que dá tiro de canhão em pardal, no seu cotidiano. O impressor Ricardo Valente, que conhece intimamente o maquinário alemão, com seu olho criterioso foi de colaborador de fundamental importância para realizarmos os acertos na boca da impressora. Já havia feito produção gráfica quando fui editor de fotografia na revista Sagarana, mas trabalhar com o maquinário “mecânico” foi uma experiência ímpar desse processo de gravura em larga escala que é o offset.

Na litografia, a impressão é feita por meio de chapas de pedra que imprimem diretamente sobre a folha de papel. No offset, um rolo intermediário, com superfície de borracha, chamado blanqueta ou caucho”, para onde é transferida a imagem que depois é aplicada no papel.

Atualmente a gravação de chapas metálicas, que era feita a partir do fotolito, foi feita pela gravação direta das chapas a partir do arquivo digital, ou computer-to-plate (CtP). Utilizamos tintas vermelha e preta para imprimir em um papel bastante poroso e, em muitos casos, imprimimos a chapa preta duas vezes como “calço” para o preto. Os ajustes no tinteiro realizados na boca da máquina, controlando o entintamento por faixas.

Abaixo: Placas de CtP aguardando o momento de entrar na impressora.





Acima: Laçamento na Livraria Kalil, em São Paulo.

LANÇAMENTO E DISTRIBUIÇÃO

A publicação foi lançada primeiramente em São Paulo, cidade onde residia quando o imprimi. Fomos recebidos pela livraria Kalil, que funciona no 8º Andar da Rua Barão de Itapetininga, Logradouro que liga o viaduto do Chá à Praça da República, passando pela frente do Theatro Municipal, no Centro de São Paulo. Alfarrábio precioso, espécie em extinção onde encontram-se livros raros, gravuras originais, postais e outras antiguidades. Frequentada por intelectuais e artistas.

Na sequência, rumamos para Belo Horizonte, cidade onde o projeto foi gestado e realizado o trabalho de campo. Irradiamos a obra a partir do Duelo de MCs, ocupação urbana de jovens que acontece um palco de rua debaixo de um viaduto de Belo Horizonte, que segundo o artista Willyams Martins “Foi o lugar mais misturado que eu já fui”. Convergência de diversos públicos interessados em arte pública. Do filho rico da zona sul com a massa da periferia, passando pelo morador de rua da região. Projeto de ocupação e resistência urbana através da arte. Livros esgotados, a geral levou a publicação para casa e integramos a grande festa que é o Desafio de Hip Hop. Alguns dias depois o livro foi lançado na Livraria Quixote, que nos acolheu com carinho

e tivemos vendas de Best Seller. Livros esgotados.

Em Salvador, soterópolis onde realizo esta pós-graduação, fizemos um noite festiva para o lançamento do livro no Beco dos Artistas, no Bar-Teatro AllZeck, que também protagonizou a performance de travestismo. No dia seguinte participamos do Evento de Fotografia do MAM, onde ocorreu uma noite de autógrafos e a publicação se esgotou e muitos foram para casa sem seu exemplar.

O Limbo foi vendido também na Livraria Cultura e na Livraria Madalena, especializada em fotografia. Em menos de seis meses os livros se esgotaram, isto porque não tínhamos mais para disponibilizar para venda em outras livrarias ou atender a grande demanda de vendas da Cultura. Dos mil exemplares produzidos, foram disponibilizados 800 para distribuição e venda, que foi realizada pelo preço de R\$ 7,00. Valor que corresponde a US\$ 3,00 com os quais é possível comprar dois bilhetes de ônibus. Os sete reais pelos quais o livro foi vendido pelo equivale a 10% do seu custo. O projeto foi subsidiado pela Prefeitura de Belo Horizonte, via Fundo Municipal de Cultura e considero que qualquer empreitada financiada com verba de impostos, deveria ser disponibilizada de maneira acessível à população. “Um país faz com homens e livros” e muito coisa mais, porém, os livros são fundamentais para o fortalecimento da cidadania e devem ser popularizados de maneira ampla e irrestrita, a segregação do conhecimento reafirma e aprofunda o apartheid que vivenciamos.

Lançamento no Desafio de Hip Hop, debaixo do Viaduto de Santa Teresa, Belo Horizonte, MG.



ANEDOTA

A formação em antropologia acentuou o gosto pela anedota, descrição densa, desconstrução de um cenário ou fato social. Vou relatar uma acerca da distribuição. Enviei um livro para uma editora italiana que o solicitou, a partir de São Paulo por uma empresa de grande renome em transportes internacionais (DHL). Dois dias depois, quando chego em Belo Horizonte recebo o recado que minha remessa havia sido retida na aduana. Entro em contato com a empresa e não sabem me dizer o que aconteceu. Aproximadamente uma semana depois e vários emails solicitando informações, recebo a ligação de uma atendente informando devolveriam o material e, mais uma vez solicito informação sobre o motivo pelo qual havia ocorrido e a senhorita relata não saber e disse que o chefe da “segurança” entraria em contato para informar o que estava procedendo. Como informado, o chefe da segurança ligou e disse que o livro não poderia ser enviado e que me devolveriam. Mais uma vez questiono os motivos e ele categoricamente afirma que vão devolver por se tratar de pornografia. - Como assim? Este livro foi produzido com fomento do estado para ARTE, faz parte de uma pesquisa de pós-graduação em Arte na Universidade Federal da Bahia.... Sim, seu pai já havia argumentado o mesmo.- Qual o endereço para devolução? – Por favor me envie as justificativas por escrito e então recolho o material. Resolução: Nunca me enviaram a justificativa formal, não devolveram o dinheiro nem o livro. Reflexão: Na catalogação da publi-

Abaixo: Artista JaymeFygura no lançamento do livro em Salvador, no AllZeck Bar, no Beco dos Artistas



cação não consta que seja pornografia, além do mais, qual o problema se fosse categorizado assim? Lembro das aulas de antropologia onde o professor dizia: pornografia quase sempre é uma acusação quanto a sexualidade do outro, a minha sempre é erotismo, sensualidade... Afinal, abriram a encomenda, verificaram o conteúdo e o classificaram como intransportável. Quem? Que tipo de especialista ou formação tem o censor que faz análise?

Por fim faça o exercício fantasioso: E se fosse o JaymeFygura?

Ficha catalográfica do Livro Limbo, contendo as temáticas da publicação, registrado junto à Biblioteca Nacional

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira da Livro, SP, Brasil)	
Francilins Limbo São Paulo, Brasil, 2013. ISBN 978-85-916482-0-7 Edição do autor Tiragem: 1000 exemplares	
I. Arte; 2. Religião; 3. Sexualidade; 4. Ciências Sociais; 5. Fotografia.	
CDD 777	CDU 77
Índices para catálogo sistemático: I Arte: Fotografia II Antropologia: Sexualidade e religião	
	
Esta obra está licenciada sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-Compartilhável 3.0 Não Adaptada.	

Apoio:

Realizado com os benefícios da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte

CAPÍTULO 4 - RESSURGÊNCIAS

Ao lado: Santa Luzia, São Romão, MG.



A superfície da terra e as ficções da mente têm um modo de se desintegrar em regiões distintas da arte. Vários agentes, tanto ficcionais quanto reais, de alguma maneira trocam de lugar entre si – é impossível evitar o pensamento lamacento quando se trata de projetos de terra, o daquilo que chamarei de “geologia abstrata”. A mente e a terra encontram-se em um processo constante de erosão: rios mentais derrubam encostas abstratas, ondas cerebrais desgastam rochedos de pensamento, idéias se decompõem em edras de desconhecimento, e cristalizações conceituais desmoronam em resíduos arenosos da razão. (...) Colapsos, deslizamentos de escombros, avalanches, tudo isso acontece dentro dos limites fissurados do cérebro.

Robert Smithson – A sedimentations of the mind. Artforum (set 1968).

V DESTRUIÇÕES?

Imagem versus horizonte: o lampejo dialético “transpõe o horizonte” de maneira intermitente (115). – Ressurgências da imagem versus horizontes sem recurso. Declínio não é desaparecimento. Declinação, incidência, bifurcação (119). – O inestimável versus a desvalorização. A temporalidade impura do desejo versus os tempos sem recursos da destruição e da redenção. Fazer aparecerem as palavras, as imagens (126)

Georges Didi-huberman

Neste capítulo apresentarei obras que afloraram, vieram à tona, que de alguma maneira se materializaram. Compartilho com crítica de arte Cecília Salles a ideia de que a obra não pode ser dissociada do seu processo e a sua manifestação aos nossos sentidos se dá pela conjunção de múltiplas forças, um nó no fluxo energético. O carste (Kasrt) é um sistema geológico, biológico e paisagístico caracterizado pela dissolução química das rochas, principalmente a calcária. Caracteriza-se pelas grutas, lagoas, sumidouros, vales secos e um complexo sistema hídrico subterrâneo. A mente cárstica é perfurada pelo do rio que rompe o conceito e se fossiliza em imagem. Neste capítulo serão apresentadas obras que afloraram: onde mergulhador emerge ofegante de uma longa imersão, trazendo o peixe nas mãos. Muitas cosmologias americanas como a Maya e Azteca, descrevem as “cuevas” como portais de acesso ao Inframundo. As potências artísticas percorrem as entranhas do universo, um emaranhado de fluxos que percorrem um infinito “queijo síçõ”. Por vezes, estas energias são catalisadas e vertem à superfície, trazendo à luz o magma artístico que se sedimenta em obra.

Início com o trabalho “vi elas”, que foi apresentado como monografia como requisito para finalização do curso de graduação em Ciências Sociais e também apresentado em diversos formatos expositivos que circulam nos hemisférios das Humanidades e das Artes Visuais. Trata-se de um livro-objeto que foi precursor, no sentido da forma e do suporte, para a realização de uma etnografia “acadêmica”. Trata-se de uma documentação da região moral da Guaicurus, uma etnografia da zona que é fonte inspiradora de diversos trabalhos. Descrição aos modos de uma antropologia fantástica, como muitas são.

Num canto do bairro central de uma caótica polis, em um confuso e indeterminável país tropical, pessoas se movimentam freneticamente. Alguns olham para dentro de si e para o chão a fim de que nenhum buraco lhes interrompa o trajeto, outros esperam transporte sob um ponto de ônibus, vagueiam sem destino, se entorpecem ou dormem pelo chão imundo. Existem também os que nos estendem a mão procurando um trocado, vender bugigangas, fazer uma tatuagem, ou ainda, aplicar um golpe e levar nosso dinheiro. Nessa região, que leva o nome dos índios guerreiros Guaicuru, estão instalados 20 aparelhos de teletransporte. Isto mesmo, aparelhos de abdução, com o mesmo poder daqueles dos filmes de ficção ou dos desenhos animados, que apesar de possuírem tecnologia arcaica, têm eficiência invejável.

Certo dia caminhava por aquelas bandas quando vi os dois homens que andavam à minha frente serem sugados por um desses aparatos. Continuei. Alguns passos depois, outro dispositivo cuspiu dois e engolia mais de vinte. Como teleguiados, eram tragados enquanto os movimentos peristálticos do abductor os distanciavam de mim. Somente descobri o real poder daqueles aparelhos depois de ser absorvido pela primeira vez.

Aconteceu assim: observava curioso o portal do teletransportador, a luz era turva e não conseguia ver claramente o que se passava lá dentro, de repente, o homem que passava ao meu lado foi sugado e o poder magnético me levou atrás. O coração acelerou e minhas pernas se moviam sem a minha concessão. Num instante, havia morrido num mundo e renascido noutro. Um passo, alguns passos e o primeiro choque, a luz daquela dimensão não chegava do mesmo sol, eram pequenas fontes multicores que jorravam cores quentes e vibrantes. O ar era denso, pegajoso. Cheiros fortes grudaram em minhas narinas. Os caminhos do outro mundo são labirínticos, um intrincado complexo de estreitos e movimentados corredores compõem a cartografia local, formando uma grande feira apocalíptica e popular. Tateando pelas vielas, começo a descobrir uma grande variedade de comida fast food que está à venda por ali. Do fundo uma feirante grita: “Chega mais freguês, na perereca é cinco e no cu é seis”. AS comerciantes esperam à porta ou dentro de pequenos quartos, enquanto os clientes potenciais circulam à procura daquela que melhor possa saciar seus apetites, como num grande “serve-serve”. Um comprador se aproxima da vendedora que derrete-se em seu



Livro-objeto com dois volumes

Título: vi elas

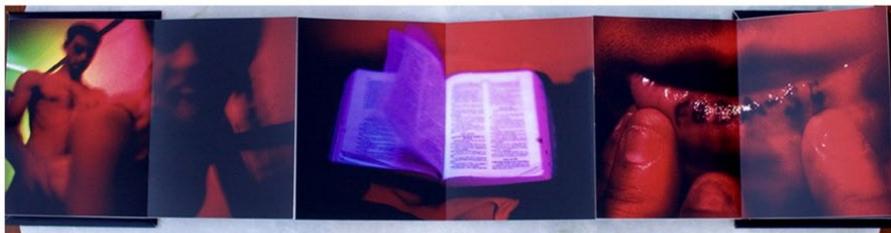
495x20cm e 105cmx20cm (aberto) e 22x18x6cm (fechado)

Ano: 2007

Técnica: mista (cópias cromógenas com laminação ultra-mate, papelão ondulado e renda)



Detalhes do livro-objeto-briquedo “vi elas”. 2007.



ouvido: “Três posições e uma chupadinha por cinco reais”.

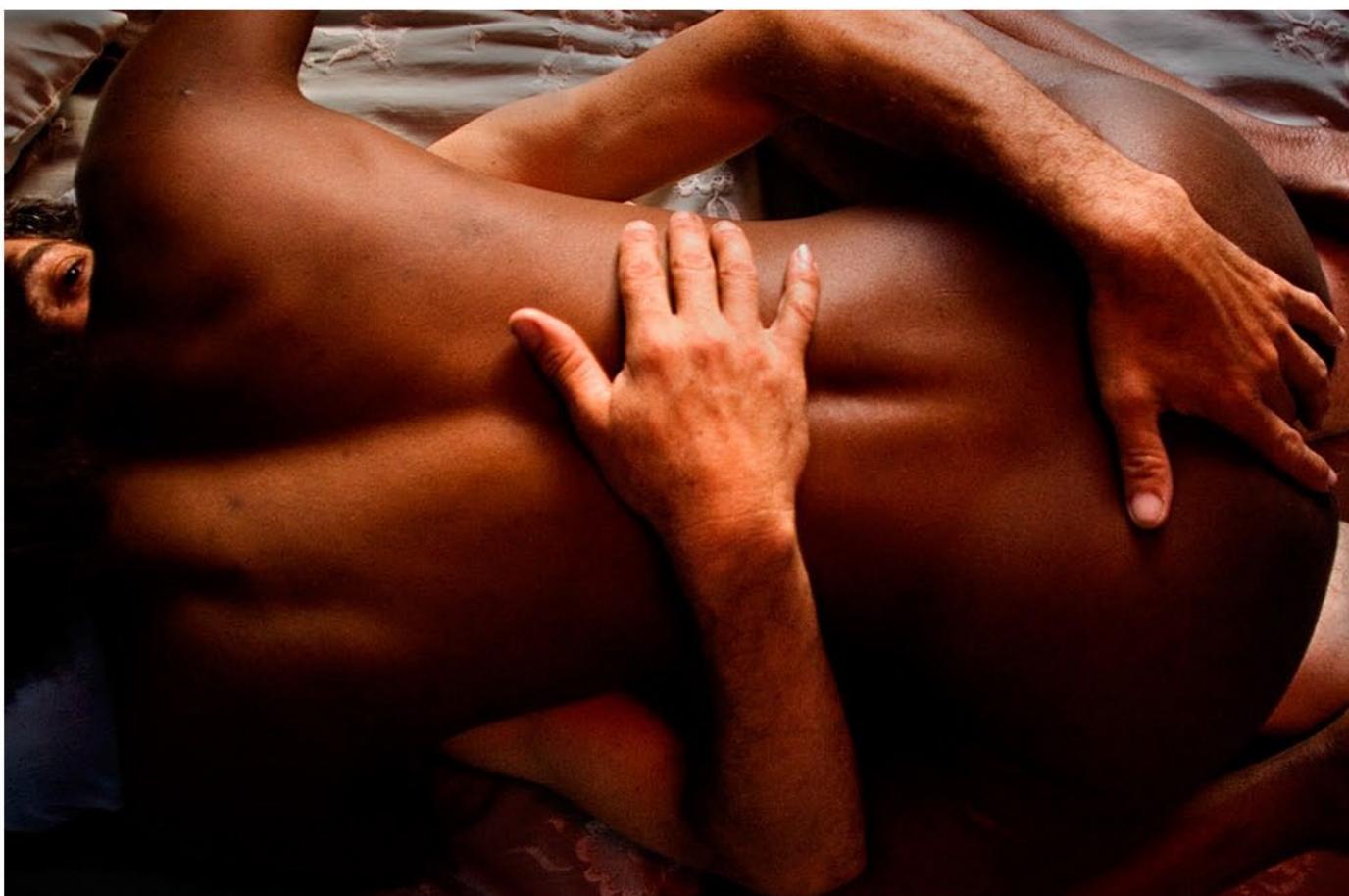
Essa outra Dimensão parece estar em guerra eterna. Quando olho para o alto, vejo a imagem de um santo guerreiro que mora muito longe, talvez na Lua. Apesar disso, ele está sempre por ali e quando os locais se veem ameaçados invocam o protetor para que faça jorrar o sangue do inimigo, como fez com o Dragão. Seres de outras terras sempre são chamados para atuar na luta diária e, um grande arsenal é montado para ajudar na negociação com os mercenários: os cigarros servem como pagamento pela ajuda de uma categoria especial de guerreiras, as pombas-gira, afinal, elas “ajudam a trazer mais clientes”, já as folhas de mamona mantêm os inimigos afastados e os incensos atraem os amigos.

Atordoado, reaproximo de um dos aparelhos, que me ejeta de volta para o primeiro mundo. Desde então, experiências como esta têm se repetido regularmente. Lá se vão cinco anos e mais de uma centena de abduções. Não é mais possível saber se ainda sou eu ou se sou outro. A partir do contato com as criaturas que compõem essa outra Dimensão surge uma *sui generis* realidade: vi elas. Realidade que é atualizada com/por você, que lhe dá vida nova.

Guaicurus é o nome da rua que liga a estação rodoviária a estação ferroviária, no Centro de Belo Horizonte. O nome dos guerreiros indígenas é expandido para toda região no entorno do logradouro, onde funcionam hotéis que abrigam prostituição de alta rotatividade. São vinte edifícios em estilo art decó, que abrigam hotéis, que alugam seus quartos em dois turnos: matutino, que inicia às 08h e vai até às 17h e o noturno começa neste horário e termina junto com o fechamento da porta dos hotéis para o público externo, próximo às 23 horas. Cada um dos prédio de dois ou três andares possui aproximadamente trinta quartos. Aí trabalham prostitutas das mais diferentes tipos físicos, que cobram entre R\$ 10,00 e 30,00 pelo atendimento padrão, que compreende sexo oral e vaginal (valores de 2015). Os detalhes do programa, assim como possíveis variações e adequação do preço é feita diretamente entre prostituta e cliente. Até o ano de 2013 nesses bordéis se prostituíam apenas mulheres, desde então existem dois puteiros onde trabalham travestis. O programa destes é mais custoso, variando entre R\$ 30 e R\$ 50 o programa “básico” (2015). Cada uma das prostitutas atende, em média, doze clientes por turno, sendo que algumas relatam que atenderam mais de cinquenta em um só dia.

Locus privilegiado de interações, este portal entre dimensões, foi e é espaço privilegiado do trabalho de “campo”, além de ser aquele da minha iniciação. Até hoje este rio caudaloso que aporta sedimentos sobre diversas obras que produzo. Volta e meia reaparece da escuridão trazendo toda sua densidade à superfície e, às vezes, é materializada em alguma fotografia.

Assim aconteceu com o ensaio Suzana, nome da prostituta que ali trabalhava e que tinha grande apreço por ser fotografada. Depois de algumas seções começou a conduzir a cena e confessou: quero fazer fotografias para presentear meu marido, ele adora me ver. “Ele gosta assim, isso, mais de perto.” Entreguei as fotos e quando a encontrei depois que havia visto as imagens em companhia do marido, foi toda elogios: ficaram ótimas, adoramos. Então contou um pouco da sua trajetória, relatando que em uma época a situação financeira do casal ficou muito difícil e ela resolveu tra-



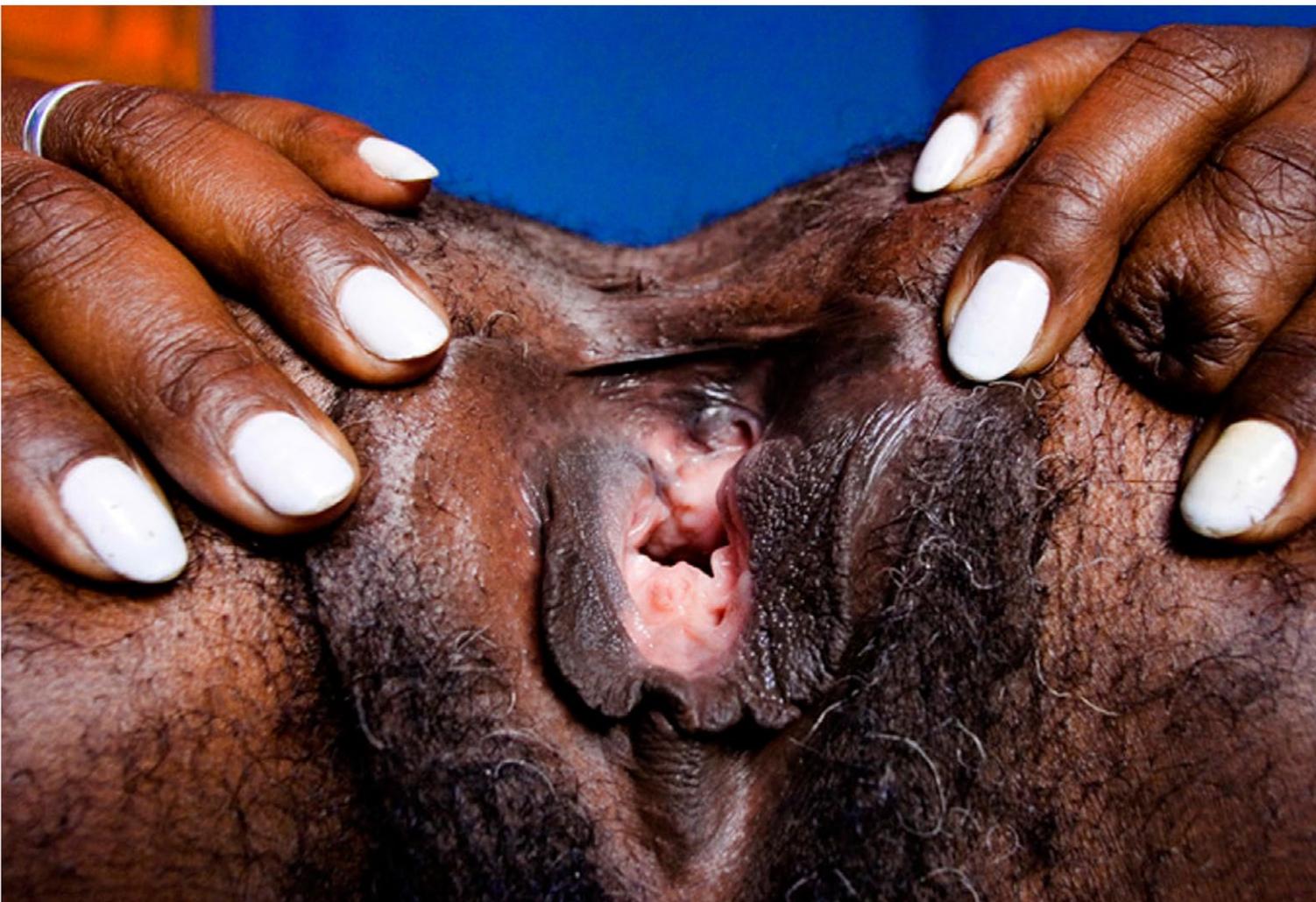
8_ título: SUZANA Políptico (4) - Cromogenic print 100x150 cm, cada.



balhar fora. Como não conseguiu outro serviço que lhe pagasse razoavelmente bem, resolve se prostituir. “Saía todos os dias de casa às 7 da manhã e voltava no fim da tarde. Sempre disse ao meu marido que trabalhava em casa família.” Sete anos depois tivemos uma crise, quando ele relatou que tomou conhecimento do minhas atividades, que havia descoberto. Mas conversamos e ficou tudo bem. Somos casados há 15 anos e já fazem mais de seis que ele sabe que estou aqui. Mas olha só... adoreii as fotos. - Você faria mais fotos minhas, mas com um homem? – Claro. – Peraí.

Abriu a porta do quarto e um minuto depois volta com um dos pedreiros que trabalhavam em uma reforma no hotel. Vamos lá, mas com ele vou transar sem camisinha: este é o meu Homem!

Uma história de amor que percorre caminhos autônomos, um desvio em relação à “A hipótese repressiva não pode ser contestada, já que serve para a sociedade atual. Para nós é gratificante formular, em termos de repressão, as relações de sexo e poder por muitos motivos. Primeiro porque, se o sexo é reprimido, o simples fato da repressão e falar do sexo ultrapassa todos os limites; afinal, aceitando a hipótese repressiva, se pode vincular revolução e prazer, se pode falar num período em que tudo vai ser bom: o da liberação sexual. Sexo, revelação da verdade, inversão da lei do mundo, são hoje coisas ligadas entre si. Mas insiste-se na hipótese repressiva pois, dessa forma, tudo o que se diz sobre sexo ganha valor mercantil. (Foucault)



Surgências jorram potências que no futuro do pretérito são sugadas pelo sumidouro. A mente cárstica é perfurada pelo do rio que rompe o conceito e se fossiliza em imagem. Neste capítulo serão apresentadas obras que afloraram: onde mergulhador emerge ofegante de uma longa imersão, trazendo o peixe nas mãos.

Comecei minha trajetória na imprensa, fotografava e editava o jornal Correio de Lagoa Santa, na periferia de Belo Horizonte. Mas o grande objetivo era trabalhar em revistas mensais, onde havia mais tempo para trabalhar a pauta e aprofundar na temática. Na primeira década dos anos 2000, passei a produzir para revistas de circulação nacional como a Terra, Globo Rural, National Geographic, entre outras. Propunha matérias nas quais tinha interesse e era convidado a participar de expedições, que eram verdadeiras prospecções pelo interior do Brasil. Com o tempo vieram os convites para ilustrar livros, como é o caso do “Batuquim vai abaixo, não vai não”. Publicação dedicada à mestra dos festejos do boi e saberes populares de São Romão, no médio São Francisco. Tive a oportunidade de passar um mês documentando as atividades da nobre senhora gerando fotos que compuseram a publicação junto com textos e dois discos com a gravação das músicas do grupo conduzido por Maria. Trabalho que se desdobrou em diversos outros produtos como a publicação nas páginas da Revista Sagarana, da qual também fui editor de fotografia.

Potência feminina e negra que surge em trabalhos como este publicado nas páginas da Revista Sagarana. Grandes fotógrafos que hoje circulam no ambiente artístico tiveram sua origem no circuito editorial. A imprensa das revistas mensais foi para alguns um espaço privilegiado de trabalho no que diz respeito a aproximação do tema, onde dispunham de um tempo mais alongado para elaborar suas pautas. Em muitos casos o jornalismo ia fundo e podemos considerar que algumas grandes reportagens tem profunda densidade reflexiva e artística. Decantar as fotografia sobre páginas Imprimir e distribuir para um grande público é uma característica louvável desta época. Podemos citar autores como Claudia Andujar, Mareen Bissiliat, Sebastião Salgado, Arthur Omar e muitos outros que produziram notáveis obras para mídia impressa. Vivenciei a transição radical da quase extinção do papel.

Muitas destas produções são enquadradas e consideradas fundadoras de um “documentário imaginário”, que Katia Lombardi propõe que “No Documentário Imaginário, os fotógrafos abrem-se às faculdades criadoras latentes no mundo imaginal descrito por Durand (2004), onde o mundo real e o da imaginação não se diferenciam – pelo contrário, interagem no domínio desse lugar intermediário. A natureza polissêmica da imagem ganha força, à medida que os fotógrafos, durante o processo de criação, sentem-se à vontade para recorrer às partes não institucionalizadas e pouco coerentes do imaginário. Já Para Kossoy (2002, p.14), “a imagem fotográfica, entendida como documento/representação, contém em si realidades e ficções”. Em muitos casos, a ficção é incorporada no processo de construção de imagens, como explicou Barthes (1984, p.22): “Ora, a partir do momento que me sinto olhado pela objetiva, tudo muda: ponho-me a posar, fabrico-me instantaneamente um outro corpo,

metamorfoseio-o antecipadamente em imagem.”

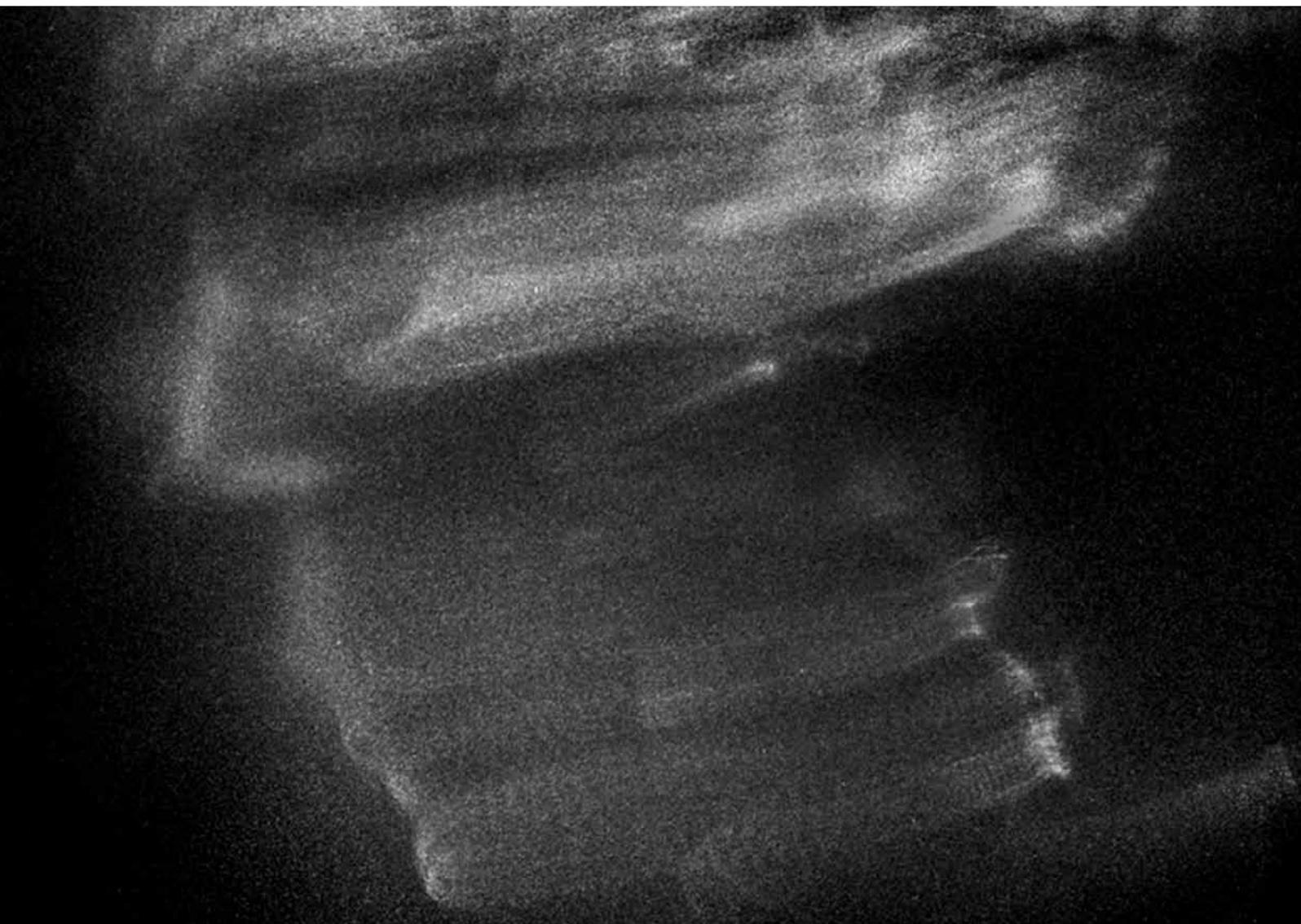
LIMIAR

O Batuque dá o compasso das festas religiosas de matriz indígena e africana no interior do país. A partir do encontro com o Camdombe em Minas Gerais surge o ensaio “limiar”, trabalho descrito com maestria pelo o curador Marcelo Campos no catálogo da exposição Vestígios de Brasilidade: Como um feiticeiro, o fotógrafo perde a linha da razão (...), na abertura do diafragma, a magia se completa, rastros fantasmagóricos queimam e marcam a fotografia. Nos espectros, outros rostos, outras imagens, congregando as sensações de um processo ritual.

Além das impressões fotográficas de grande formato, este trabalho também está finalizado em vídeo de três minutos de duração, onde a projeção das imagens é acompanhada de captação sonora direta.

A obra limiar conta com o seguinte texto introdutório:

Entre a transcendência e a imanência,



Entre o omem que sobe e o santo que desce,
Entre a realidade e a ficção da fotografia,
Entre eu e o outro eclode

Limiar

uma nova realidade que eclode dos choques tectônicos que se dão Durante as festas de Camdombe* em Minas Gerais.

** o candombe é o rito mais primitivo entre os congados, moçambiques, marujadas, cablocos, sendo considerado a matria destas manifestações. Os rituais normalmente acontecem à noite, em volta de fogueiras, nos pátios externos das igrejas católicas ou em terreiros. Durante o transe embalado pelo som dos tambores, os candombeiros entrm em contato dom seres de “outras dimensões”, cantando e dançando com seus atenpassados, pedindo proteção e agradecendo pelas graças alcançadas.*

Abaixo nas duas páginas: série Limiar Fotografia analógia - Impressão em papel de algodão com pigmentos minerais 150x100cm, cada.



Abaixo: retrato de Marcos Muzi - Anáglifo de imagens realizado para projeto expositivo da DOC Galeria, em São Paulo.



Par estéreo, aproximadamente 20x30cm, cada.
Aresentação em estereoscópio de weatstone (espelhos).
Impressão de pigmentos minerais transferidos para tecido, linha e agulha.

Um dos princípios de tratamento das fontes e da bibliografia está baseado no conceito de simetria, conforme cunhado por Bruno Latour: a aplicação do princípio programático da simetria significa reconhecer que os mesmos tipos de causas devem explicar tanto as crenças valorizadas como verdade quanto as crenças rechaçadas, uma vez que não há diferença essencial entre verdade e erro. Ou seja, as explicações sociais, psicológicas e econômicas (aqui eu incluiria artísticas) deveriam ser empregadas simetricamente, de modo a tratar, nos mesmos termos, os vencedores e os vencidos da história das ciências. Ser simétrico significa fazer uma sociologia para compreender por que os franceses acreditam na astronomia da mesma maneira que para compreender por que eles acreditam na astrologia.

Outra proposta para análise do material de referência deste projeto é a horizontalização hierárquica das suas referências, uma vez que o discurso nativo e indígena serão analisados em pé de igualdade e verdade, quando confrontados com teses que tenham sua origem na academia ou no sistema artístico instituído. Também é de fundamental importância a discussão do conceito de primitivo e primitivismo na arte contemporânea, implicada principalmente pelas reações à famosa exposição que aconteceu no MOMA-NY em 1984, denominada “The ‘primitivism’ in the twentieth century art. Affinity of the tribal and the modern”. Esta mostra partia do pressuposto que a arte é um fenômeno ocidental, onde tudo o que era produzido fora do “primeiro mundo” seria exótico e primitivo. No meu trabalho este conceito é achatado, uma vez que os saberes do mundo são vistos como igualmente válidos. Herdando os pressupostos de Hal Foster, expressos em seu texto “O artista como etnógrafo”, assim como a crítica realizada por toda uma geração de autores pós-colonialistas como Homi Bhabha, Stuart Hall, James Clifford, Clifford Geertz, entre outros.

A metamorfose, transformação de seres humanos e sua fusão com outros elementos da natureza é amplamente recorrente nas artes. Podemos citar obras literárias como *A Metamorfose* de Franz Kafka, e outras diversas que foram adaptadas para o cinema, do *Homem Elefante* a *Batman*. Mas referências a estes devires que rebatem sobre os sujeitos, formando capas sobrepostas, podem ser encontradas nas mais diferentes culturas como é o caso da escultura Maya apresentada abaixo.

A relação entre representações artísticas e magia, onde está pressuposto que praticamente toda arte pré-histórica deriva desta fonte permeia minhas produções. No caso do retrato do fotógrafo Marcos Muzi, tenho como referência o relato de Carlos Castañeda, que na sua obra “*Las Enseñanzas de Don Juan*” conta que costura os olhos de lagartixas para abrir, expandir a visão para além do mundo ordinário.

O retrato é praticamente onipresente em minhas obras, por suas características de representação do outro, do encontro e o choque de alteridade que esta prática fotográfica promove. A transfiguração e metamorfose que abarca sobre a face desnuda e que expressa emoções atravessa grande parte da minha produção como é reafirmado pela obra jaguar –ete

Jaguar – ete

(...)Cunhambebe tinha à sua frente um grande cesto cheio de carne humana. Comia de uma perna, segurou-a diante da boca e perguntou-me se também queria comer. Respondi: “Um animal irracional não come um outro parceiro, e um homem deve devorar um outro homem?. Mordeu-a então e disse :
” Jauára ichê“. Sou um jaguar.

“Jaguar-ete” ganha vida a partir da fala do pagé tupinambá Cunnhambebe, citada no livro “Duas Viagens ao Brasil” (1557), de Hans Staden.

O retrato talvez seja a Ciência mais adequada para captação dos devires, uma vez que “retira cada face do contexto original, e deixa vivê-la por si mesma, (...) em cada um a sugestão de tribos estranhas, nações africanas desconhecidas, ou periferias obscuras de alguma cidade sem nome.” (Arthur Omar).

O trabalho é uma reflexão sobre a teoria da identidade, colocando-se em paralelo às discussões elencadas em A Metamorfose, de Franz Kafka e Meu tio Iauaretê, de João Guimarães Rosa. Pretende ser um congruente imagético do conceito de devir de Spinoza, conforme a leitura de Deleuze e Guattari:

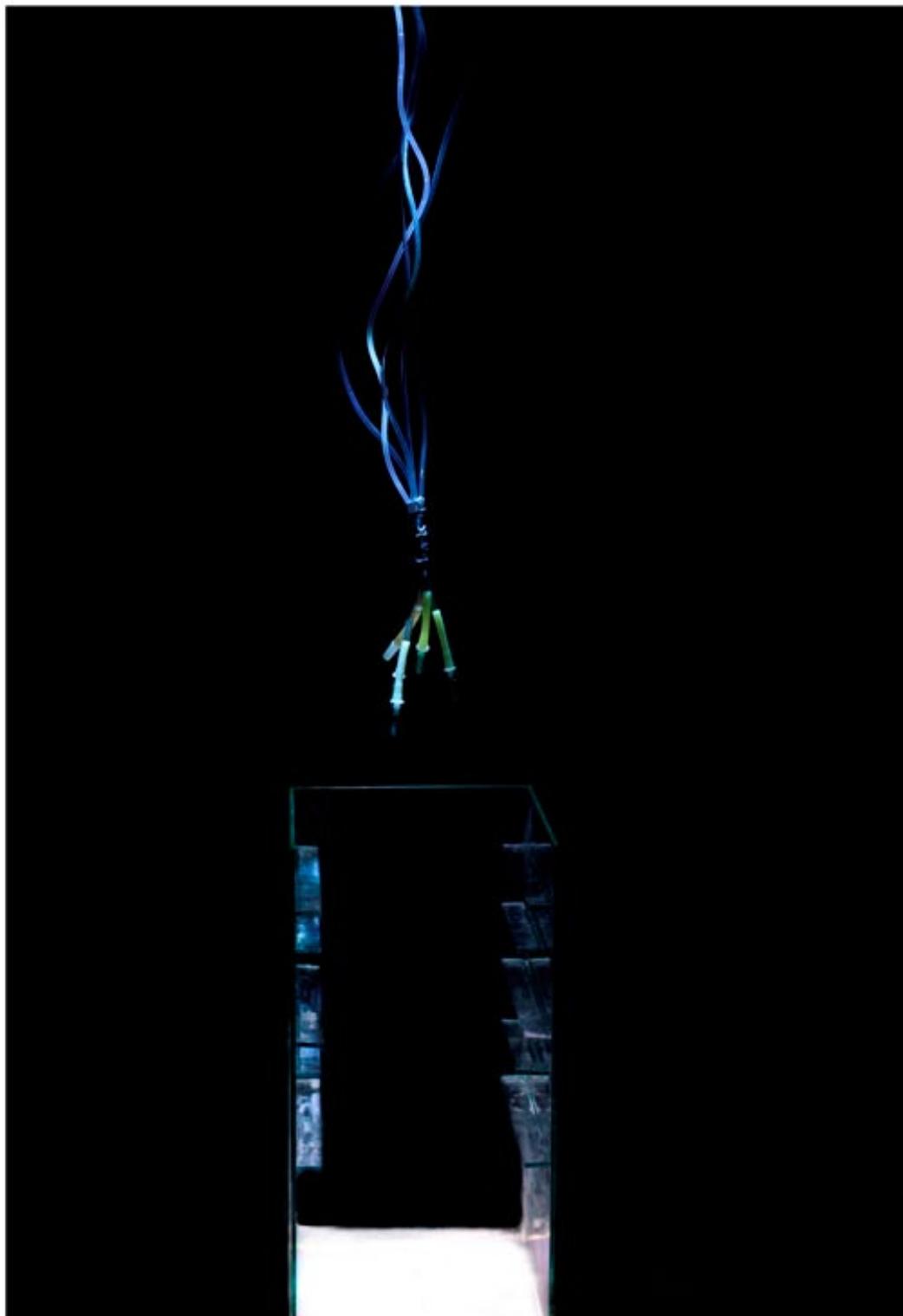
Devir (...) termo relativo à economia do desejo. Os fluxos de desejo procedem por afetos e devires, independentemente do fato de poderem ou não ser rebatidos sobre pessoas, imagens, identificações. Assim, um indivíduo antropologicamente etiquetado masculino pode ser atravessado por devires múltiplos e, em aparência contraditórios: devir feminino coexistindo com um devir criança, um devir animal, um devir invisível, etc.

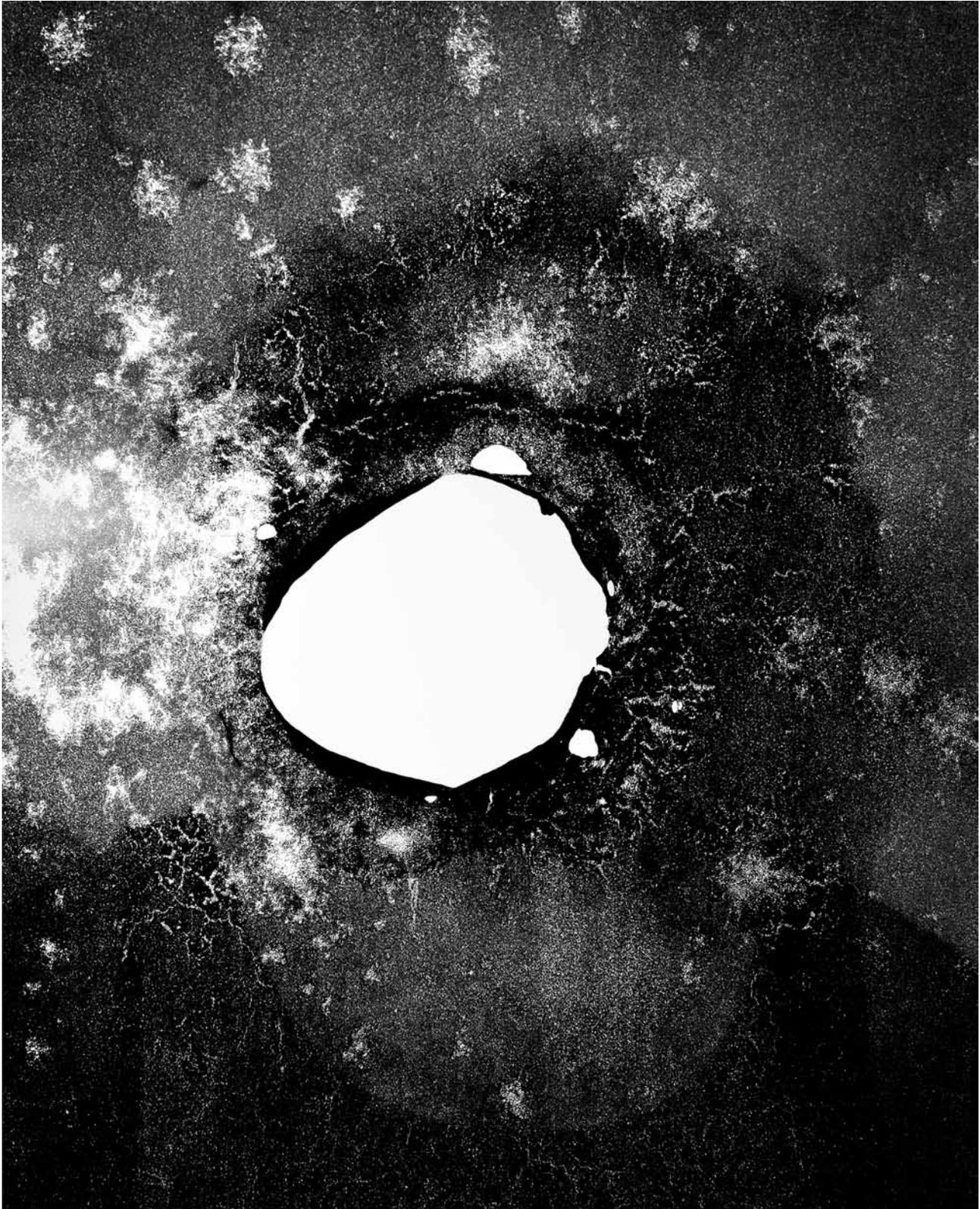
A instalação é composta por textos, fotografias e um cubo de vidro. Retratos fotográficos são superpostos e um gotejamento aciona a dissolução de transformação das imagens. A ação é filmada e projetada, ao vivo, em vidro despolido. As impressões em superfície reflexiva, incorpora o espectador, atualizando um novo devir.

Também é possível, apresentar uma compilação audiovisual, contendo fotografias, vídeos e textos. A versão audiovisual contém como trilha a versão adaptada da música Amazonas(1974), de Naná Vasconcelos, gentilmente cedida pelo músico.

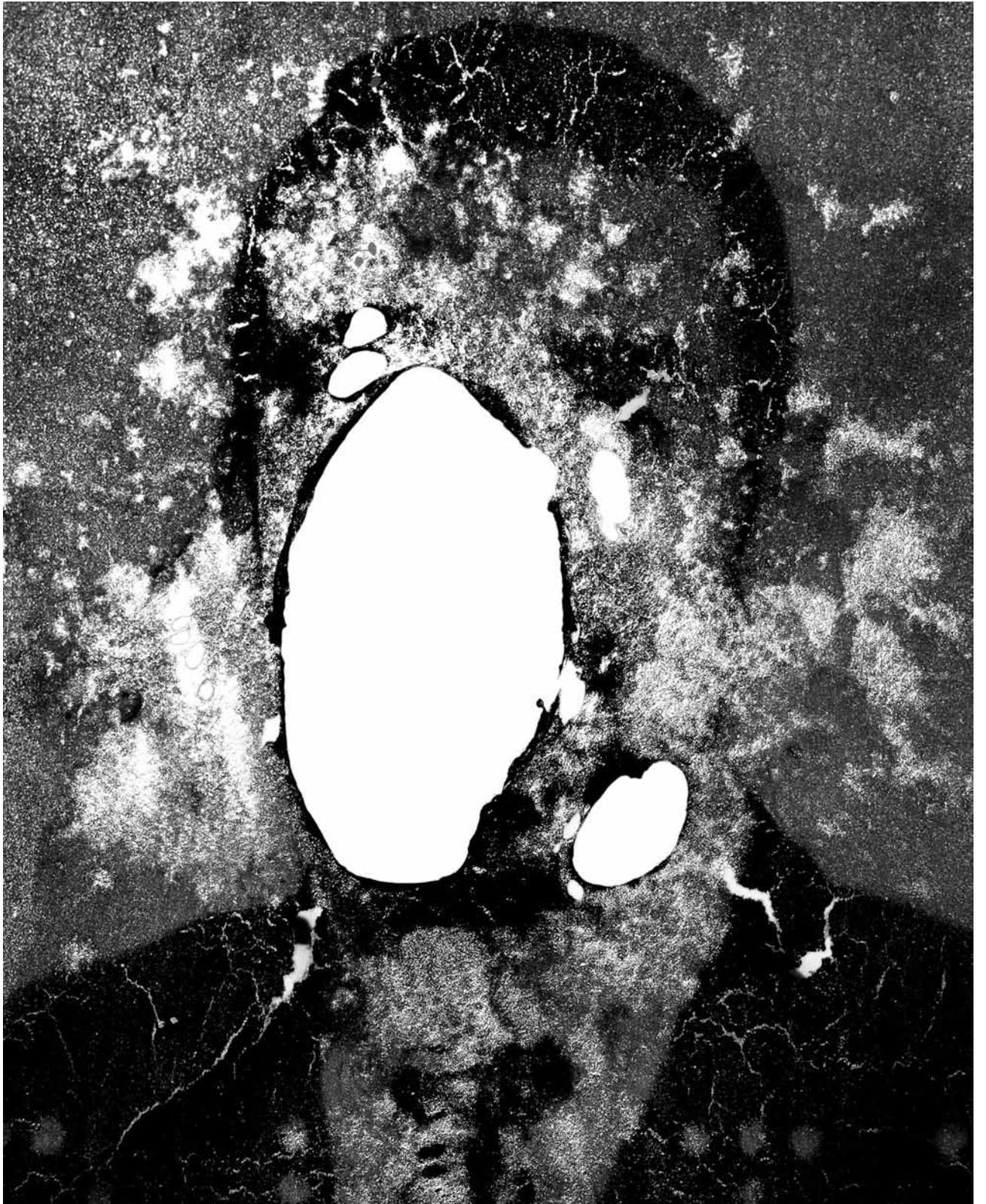
Aparato composto por um recipiente de vidro onde as imagens impressas em papel de trigo são montadas paralelamente à base. As mangueiras de soro gotejam o líquido que dissolve as imagens que são filmadas pela câmera de vídeo .

Aparato da instalação Jaguar-ete.





Acima em ambas páginas série Jaguar-ete, 14x18 cm, cada. Jato do Tinta sobre papel de arroz.





Detalhe da instalação Jaguar-ete.



Acima: Obra Maya do período posclassico exibida no museu de antropologia do Mexico, Ciudad de Mexico.

MONTALVÂNCIA

Disse Deus: haja luz. E houve luz.

Viu Deus que a luz era boa; e fez separação entre a luz e as trevas.

E Deus chamou à luz dia, e às trevas noite. E foi a tarde e a manhã, o dia primeiro.

E disse Deus: haja um firmamento no meio das águas, e haja separação entre águas e águas.

Fez, pois, Deus o firmamento, e separou as águas que estavam debaixo do firmamento das que estavam por cima do firmamento. E assim foi.

Chamou Deus ao firmamento céu. E foi a tarde e a manhã, o dia segundo.

E disse Deus: Ajuntem-se num só lugar as águas que estão debaixo do céu, e apareça o elemento seco. E assim foi.

Chamou Deus ao elemento seco terra, e ao ajuntamento das águas mares.

(Gênesis 1:3-10)

Todas as sociedades humanas possuem mitos cosmogênicos, narrativas poéticas que versam sobre a origem das coisas, do homem, da Terra e da sociedade. Segundo Claude Levi-Strauss, esta é uma das características estruturais da humanidade.

Montalvânia fora erguida no “Omphalo Delos, o nó umbilical” da Terra, determinado pelo cruzamento da linha “aclínica marcada pela costeira Serra Leoa” com a Groelândia-Antártida, (...) “uma terra prometida onde correm rios de leite e mel e jazem fabulosos tesouros escondidos”. (lei federal 5603 de 1970, criação da BR-030, que passa por Montalvânia).

Por traz da fabulosa história desta jovem cidade estão as convicções de seu fundador, Antônio Lopo Montalvão. Suas teses associam mitologia, botânica, astronomia, bioquímica e certa dose de ficção científica, conduzindo o pensamento “filosófico” paralelamente à lucidez de grande estadista. Porém, sua principal fonte de inspiração vem da leitura que faz da abundante arte pré-histórica da região: Tais inscrições são como pedras de diamante engastadas no EGO do Brasil (...) verdadeira Bíblia de Pedra da Humanidade.”

Esta trabalho gera obras artísticas que dialogam com os grafismos pré-colombianos encontrados na região de Montalvânia, à luz da cosmologia ameríndia, arqueologia e idéias do nosso protagonista, Antônio Lopo Montalvão.

A seguir transcrevo uma pequena parte depoimento do arqueólogo André Prous sobre o filósofo sertanejo:

Sua palavra era tão afiada quanto o facão do seu capanga, e seu raciocínio tão claro quanto o de qualquer um, quando não se tratava de arte rupestre. Ao mesmo tempo louco e consciente, visionário e racional, o Dom Quixote do sertão sabia impor respeito e admiração. Perto dele se entendia porque o povo da região o considerava um ser sobre-humano, com corpo fechado e o poder de transformar-se em onça afugentando os inimigos de tocaia (...). Sobre a interpretação da arte rupestre, certa vez nos interpelou com simplicidade e segurança: ‘Bem, eu já contei minha história, agora vocês que contem a sua’”.

Seguindo a trilha montalvanesca, criaremos uma releitura criativa da arte gráfica



Acima: mapa apresenta a Linha do Equador sobre uma declinação pela força magnética das montanhas de Serra Leoa, deslocando a referência geográfica até Montalvânia. Fonte: Revista do Brasil Remoto.

do centro norte mineiro, a partir do cruzamento das mais variadas interpretações: a dos arqueólogos, de Montalvão, da população nativa e dos remanescentes indígenas xacriabá, que vivem em reservas na região. Segundo o relato pessoal do pajé deste povo, Emílio Xacriabá; “as paredes sempre serviram para os mais velhos passarem lições para os mais jovens, deixando ali inscritas desde as relações com o mundo dos ancestrais até a melhor maneira de se caçar um animal.”

Montalvão publicou três livros e seis números da revista do Brasil Remoto. Deixou uma vasta biblioteca com exemplares que tratam de astrofísica, passando por biologia ultramarinha e mitologia chinesa. Durante seu autoexílio na Argentina na

Abaixo: Gravuras pré-históricas, Lapa do Gigante, Momtalvânia, MG. Foto: Francilins.



década de 1930, conviveu com muitos intelectuais e políticos que fugiam da Grande Guerra na Europa. Suas publicações são fruto do ecletismo de sua formação autodidata, que passa pela rudeza sertaneja, aporta na luta política e envereda pelos nebulosos caminhos das artes e ciências. Muitas de suas teses foram comprovadas, como a descoberta de um grande manancial de gás natural na Bacia do Médio São Francisco, que se for contínuo, é três vezes maior que todo potencial de produção de gás natural da Bolívia.

Mas nem todas suas teses foram comprovadas, porém o realismo fantástico de suas fabulações são fermento de ótima qualidade para divagações artísticas. Abaixo reproduzo um fragmento da sua obra, publicada no quarto número da Revista do Brasil Remoto:

Gerar obras em que tem sua origem na efemidade da fotografia e gravá-las em suporte perene como a rocha, promove uma fossilização da imagem. Corroborando com a afirmação de Andre Bazin que em “uma psicanálise das artes plásticas consideraria talvez a prática do embalsamamento como um fato fundamental de sua gênese. Na origem da pintura e da escultura, descobriria o “complexo” de múmia.” Afinando assim com a perspectiva de Montalvão, que considera que aqueles que inscreveram as imagens nas lapas de Montalvânia preveem sua perenidade que ataravessaria milênios e constituiria a verdadeira Bíblia de Pedra da Humanidade.

Luzias – A pré-história da Fotografia

Técnica: Impressão com luz solar sobre pele humana

120 X 180cm - Registro fotográfico da ação impresso em papel de algodão

Data: 12000 BP-2013

Este trabalho é um projeto transversal que articula artes visuais, arqueologia, fotografia e antropologia, sob a luz da arte contemporânea. Propõe-se um novo marco para surgimento da fotografia (escrita com a luz), invento que teria sido criado há milhares de anos no continente americano, por criadores negros. Esta proposta estético-conceitual baseia-se nas descobertas arqueológicas na região de Lagoa Santa, Minas Gérias, onde foi encontrado o mais antigo crânio humano das Américas: Luzia. Um hominídeo negróide, responsável pela reescritura da ocupação do continente, principalmente no que diz respeito à população negra, que teria vivido por aqui há pelo menos doze mil anos. Esta proposta também presta reverência ao matriarcado na iconografia e simbolismo brasileiros, desde Luzia, passando por Nossa Senhora Aparecida, até Santa Luzia: padroeira da visão.

O trabalho é gerado a partir de estudos de arte pré-histórica e pintura corporal do novo mundo e da África. São geradas máscaras a partir destes desenhos para sensibilização da melanina, agente fotossensível que pode ter sido utilizado pelos nossos ancestrais para criação de obras gráficas em seus corpos. Deste modo, podemos remeter a criação da fotografia para milênios antes de Niépce. Para tal, realizaremos pesquisa de campo para coleta de grafismos e para prospecção de modelos que representem “Luzias” contemporâneas.

Esta obra propõe a discussão em torno da origem da fotografia, tencionando e expandindo os seus limites. Além disto, cria-se uma transversalidade entre a body art, performance, antropologia, arqueologia, história e as artes visuais. A contaminação entre os conceitos de natureza e cultura, assim como a atualização de um perspectivismo ameríndio são os norteadores do pensamento selvagem do homem tropical, articulados a ao matriarcado negro na iconografia simbólica brasileira.



FOTOGRAFIAS MINERADAS

É uma série de fotografia acerca da mineração, atividade que marca minha ancestralidade e determina meu pertencimento a uma classe: mineiro. Trata-se de um convite para participar do projeto Vai e Vem, onde propunham que artistas refletissem e produzissem ensaios livres sobre as linhas férreas do país. Já haviam produzido duas versões anteriores, nos estados do Rio de Janeiro e São Paulo, fui convidado a participar da versão mineira, juntamente com Cao Guimarães, Grupo Poro, João Castilho Pedro Motta e Rosângela Rennó. Os resultados da proposta foram a publicação de um livro, com tiragem de três mil exemplares, lançado no fim de 2012 e uma exposição, que teve sua primeira versão montada no Centro Cultural Bernardo Mascarenhas, na cidade de Juiz de Fora, MG. Importante ressaltar que a empreitada teve patrocínio da MRS, uma empresa de logística de transporte ferroviário, que esvai, principalmente, o minério de ferro das Minas Gerais.

Para realização do trabalho viajei pela região do quadrilátero ferrífero mineiro no mês de julho de 2012, produzindo fotografias em película preto e branco, que posteriormente sofreram intervenção nos originais. Um processo que mina a fotografia. Este ensaio traz reflexões centrais sobre minhas inquietações artísticas, dentre



elas posso citar: a dilapidação do patrimônio natural e sua valorização no mercado de trocas capitalistas e a natureza da fotografia e sua natureza, tanto do ponto de vista da materialidade e suporte, como de sua ontologia.

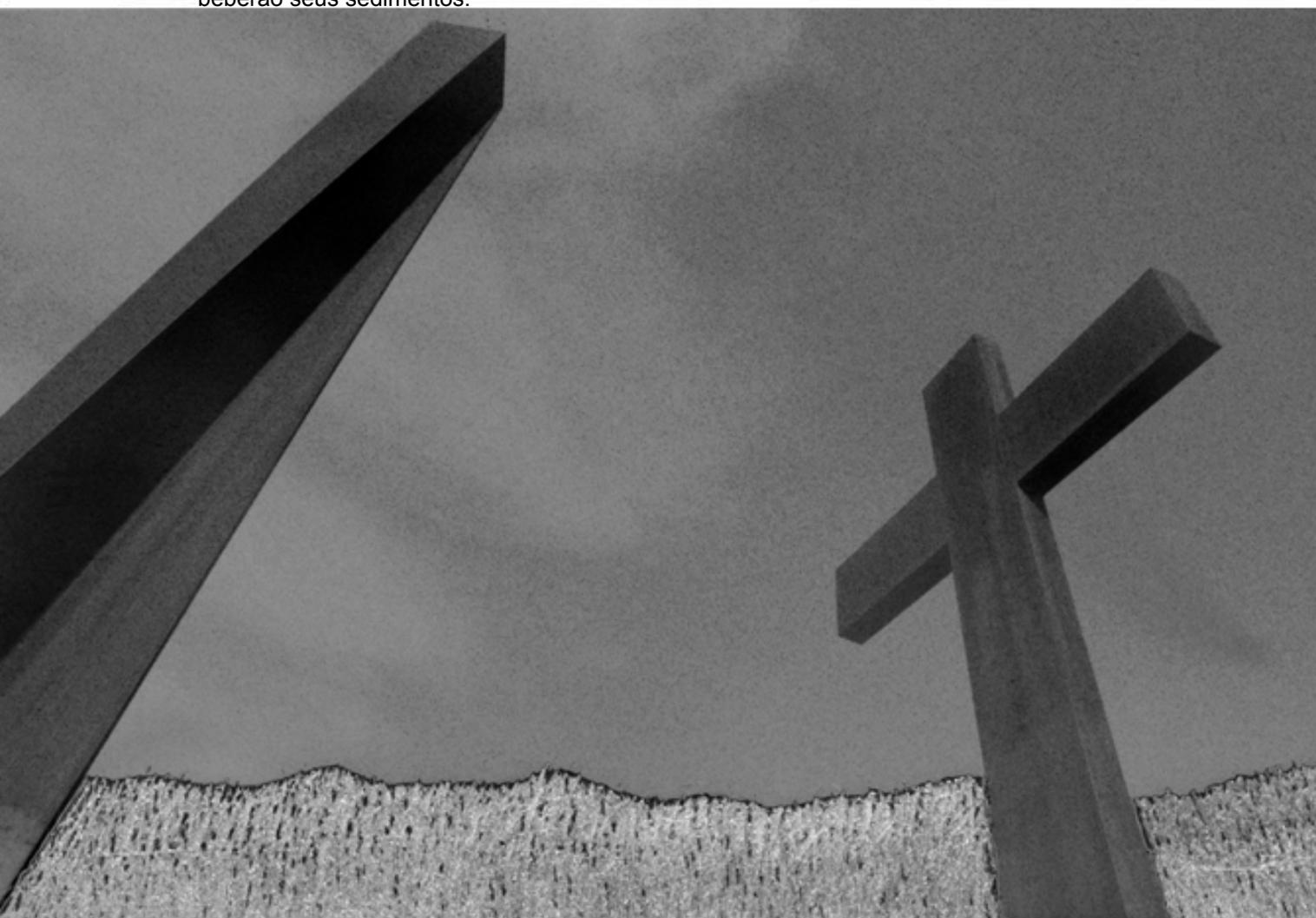
Abaixo cito um trecho da conversa com a curadora Claudia Tavares, que elucida um pouco mais sobre o processo criativo deste ensaio:

(...) Apesar da revolução de Eastman, opto por realizar grande parte da cadeia de produção da imagem fotográfica. Realizei a exposição dos negativos, onde a luz refletida pelas montanhas de minérios fere a prata fotossensível, faço a revelação, o minucioso trabalho de escavação do negativo, digitalização, tratamento e finalização das fotografias.

Viajei por vários sítios minerados das “nossas Minas” e elegi a extração de ferro, que está em franca expansão no estado, uma vez que temos as jazidas superficiais mais puras do mundo. A mineração deste metal também é o que causa o maior impacto ambiental e visual, além de representar a maior quantidade de carga transportada pela MRS. No trabalho que apresento, foquei em ícones desta história, como o Pico do Itacolomi, Itabirito, Morro Vermelho e Serra do Curral. Inclusive enviei um díptico onde mostra a retomada da extração neste morro, dentro de Belo Horizonte, em uma área tombada pelo patrimônio cultural e ambiental do município.

O trabalho de “mineração” da prata da película é feito por instrumentos cirúrgicos de precisão. Sete é o número de Ogum, orixá do ferro da metalurgia, que ditou a quantidade ideal de obras (sete), para que a série não ficasse redundante.

As energias criadoras seguem seu curso, flexas lançadas no abismo encontrarão de telas e se materializarão. Daí verterá o rio caudaloso que trará água á superfície, onde as onças beberão seus sedimentos.



MATERIALIZAÇÕES LUMINOSAS

No/do sertão das Minas Gerais também nasce a obra Materializações Luminosas, que tem como epígrafe as palavras da Bíblia: “Sou vivo; Fui morto” (Apocalipse 1:18). Aqueles chegam ao despovoado dearam-se com os dizeres do Pe. Carvalhaes no centro do campo santo : Ó tu que vens a este cemitério, medita um pouco nesta campa fria: eu fui na vida o que tu és agora, eu sou agora o que serás um dia”.

Cemitério do Peixe é um vilarejo no sertão de Minas Gerais com quase 300 casas, igreja, bar e, claro, o cemitério em torno do qual foi construído. O terreno da cidade foi doado por pelo fazendeiro ‘Canequinho’ às Almas ali enterradas. Por isso as terras não podem ser vendidas e, qualquer devoto de São Miguel e Almas pode construir ali a sua morada. Apenas dois moradores vivos residem na cidade: Lotinha e seu filho Zezinho. Durante a semana do dia 15 de agosto acontece a festa às Almas e São Miguel, que ressuscita a cidade. Mais de cinco mil devotos ocupam as pequenas casas e a igreja abrem as portas, a procissão se arrasta pelo chão, as missas e o comércio fervilham. (Para conhecer mais consulte a matéria nas págs 36 a 45 da edição 37 da Revista Sagarana, ou <http://revistagloborural.globo.com/GloboRural/0,6993,EC1691353-1641,00.html>).

Conheci o Cemitério do Peixe em 2000 e durante a primeira década do século XXI, visitei o curioso vilarejo dezenas de vezes. Destes encontros resultaram vários



artigos, que foram publicados em jornais e revistas, uma consultoria para um filme documentário e também um ensaio fotográfico autoral sobre o tema. Naquele período namorava a jovem Daniela Molmar, que faleceu precocemente de câncer em 2009, aos 28 anos. Em 2010, um ano após sua morte, revelei alguns filmes que estavam guardados na geladeira e para minha surpresa, algumas daquelas películas continham sobreposições de fotografias da minha falecida companheira junto com fotografias do Cemitério do Peixe.

Deste material resultou no ensaio fotográfico neste ensaio impresso em emulsão de prata sobre pedra, que será depositado em uma “Casa de Milagres ou votos. A obra é constituída pelo ensaio fotográfico, que será instalado em um site específico: a Casa da Memória Fotográfica que está em construção no Cemitério do Peixe. A vila é uma grande oferenda às almas, um lugar tranquilo onde possam descansar, porém ali não há uma casa para colocação de imagens entes falecidos ou votos daqueles que alcançaram alguma graça por intervenção das Almas e São Miguel.

A vida é um filme a morte é uma foto. - Susan Sontag e também a Sociedade que não conheceu a fotografia morreu duas vezes. Este trabalho, também prevê a criação de um site específico na vila de Cemitério do Peixe, para abrigar o ensaio fotográfico. No mesmo espaço proponho a constituição de uma coleção de fotografias vernaculares, com a colaboração dos visitantes. Trata-se da constituição de uma “Casa dos Milagres” naquele lugarejo construído para os mortos.



BIBLIOGRAFIA

- ABRAMÓVIC, Marina. Balkan Erotic Epic (2006). In: Destricted (film).
- ALIGHIERI, Dante. A Divina Comédia. Rio de Janeiro. Editora Calçadense. 1956.
- ANDUJAR, Claudia. Arqueologia do encontro. Exposição. Palácio das Artes, Belo Horizonte, 2005.
- _____. Yanomami. São Paulo: DBA, 1998.
- _____. A vulnerabilidade do ser. São Paulo: Cosac&Naify, 2005.
- ANGEL ROJAS, Miguel. Davis
- ARAKI, Nobuyoshi. Tokyo Lucky Hole. Germany: Taaschen, 1997.
- ARCHER, Michael. Arte Contemporânea: uma história concisa. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BASERMAN. Lujo. História da Prostituição: Uma interpretação Cultural. Rio de Janeiro: civilização brasileira. 1968.
- BENJAMIN, Walter; ROUANET, Sergio Paulo. A Obra de Arte na Era da Sua Reprodutibilidade técnica. In: Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. 4a Ed, págs 165-196. São Paulo: Brasiliense, [1989].
- BATAILLE, Georges. O Erotismo. São Paulo: ARX,
- _____. 2004A História do Olho. São Paulo: Cosac & naify, 2003.
- Borges, Jorge Luis. El Aleph. Madrid, Alianza Editorial, 1981.
- Borges, Jorge Luis. Ficciones. Madrid, Alianza editorial, 1981.
- CLARK, Larry. Tulsa. Groove Press. USA. 2000.
- CLIFFORD, James. A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1998.
- _____. Itinerarios Transculturales. Barcelona: Gedisa, 1999.
- COTTON, Charllotte. La photographie dans l'art contemporain. Trad. Pierre Saint-Jean. Paris: Thames & Hudson, 2005.
- DALI, Salvador. A Divina Comédia. Exposição. Caixa Cultural, São Paulo. 2013
- D'Ágata, Antoine. Insomnia. Marseille : Manocuvre Editions. 2003.
- _____. Mala Noche. In www.magnumphotos.com 1998
- _____. Sigma. In www.magnumphotos.com 2004
- _____. Vortex. In www.magnumphotos.com 2003
- DELEUZE, Gilles & GUATARRI, Félix. Devir-Intenso, Devir-Anial, Devir-Imperceptível. In: Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia, vol. 4. São Paulo: Ed. 34, 1997.
- DENIZARD, Hugo. Engenharia Erótica: Travestis no Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro. 1997.
- FAVRET-SAADA Jeanne. Ser/estar afetado. In: Cadernos de Campo v. 13. São Paulo: USP, 2005.

FERNÁNDEZ, Horacio; BRODSKY, Marcelo. Fotolivros latino-americanos. São Paulo: CosacNaify, 2011.

FERREIRA, Glória; COTRIM, Cecília. (orgs.). Escritos de artistas - anos 60/70. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

FABRIS, Annateresa. Uma outra história da arte? In: Fotografia e arredores, págs 71-84. São Paulo: Letras Contemporâneas, 2009.

FLEISHER, Alain. La Pornographie: Une Idée fixe de la photographie. Paris: Éditions La Musardine, 2000.

FONTCUBERTA, Joan. O beijo de Judas: fotografia e verdade, Barcelona, Gustavo Gili, 2010.

FOSTER, Hal. El Artista Como Etnografo. In: scribd
<http://pt.scribd.com/doc/31637791/Foster-Hal-El-Artista-Como-Etnografo>
 _____. O retorno do real. Rio de Janeiro, Concinnitas, ano 6, vol. 1, no 8, jul. 2005.
 _____. Prosthetic Gods. Cambridge, Massachusetts; Londres, Inglaterra: MIT Press, 2004.
 _____. Blinded insights: on the modernist reception of the art of the mentally. October, no 97, 2001 (p. 3-30).

FOUCAULT, Michel. A História da Sexualidade I: A Vontade De Saber. Graal. Rio de Janeiro. 17 ed.

FLUSSER, Vilém. Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia. São Paulo: HUCITEC, 1985.

GALE, Matthew and STEPHENS, Chris. Francis Bacon. Skira Rizzoli. 2009.

GOYA, Francisco. Francisco Goya. Série de gravuras "Los Caprichos", 1797-1799. Exposição. Saguão da Prefeitura de Belo Horizonte. 2012.

GOLDIN, Nan. Devil's Playground. PhaidonPress. 2003.

Jen-Hubert Martin. Magiciens de la Terre, Exposição Centre Georges Pompidou, Paris, 1989.

KETTENMANN. Frida Kahlo – dolor y passion . Bedit Taschen - 1992 - Germany

KRAUSS, Rosalind E. : A expressão “História da Fotografia” refere-se a um objeto de pensamento existente? O fotográfico, págs. 21-61. Barcelona: Gustavo Gili, 2002.
 _____. Surrealismo e fotografia, In: O fotográfico, págs. 105-129. Barcelona: Gustavo Gili, 2002.

LATOUR, Bruno. Reflexão sobre o culto moderno dos deuses fe(i)tiches. Bauru, SP. 2002.

MARCUS, George E. O intercâmbio entre arte e antropologia: como a pesquisa de campo em artes cênicas pode informar a reinvenção da pesquisa de campo em antropologia. In: Rev. Antropol. vol.47 no.1 São Paulo 2004.

MAPPLETHORPHE, Robert. Object. Dashwoodbooks, NYC. 2013.

Luna córnea, número 28 - Especial Ilusión – Publicação do Centro de La Imagem.

Mexico D F, 2004.

MARK, Mary Ellen. Falkland Road: Prostitutes in Bombay. In: www.maryellenmark.com. 1981.

LONGHENA, Maria. Mexico antiguo - Grandes Civilizaciones del pasado. Ediciones folio – 2005.

MUSSA, Alberto. Meu destino é ser onça. Rio de Janeiro: Record, 2009.

NESHAT, Shirin. <http://www.youtube.com/watch?v=6dJv6ratlfU>. 2001.

OMAR, Arthur. Antropologia da Face Gloriosa. São Paulo: Cosac & Naify. 1997.

_____. O zen e a arte gloriosa da fotografia. Rio de Janeiro: Cosac & Naify.

PERLONGER, Nestor. O Negócio da Prostituição Viril em São Paulo. São Paulo: Brasiliense. 1987.

RANIERI, R A. Materializações Luminosas. São Paulo: FEB. 1978.

Revista Arqueología Mexicana - Marzo-abril 2003 - n 60. Edición de 10o aniversário. Editora Raíces - Mexico DF. 2003.

SERRANO, Andrés. Soul and Body. Takarajima Books. 1995.

STELLE, Valerie. Fetiche: Moda, Sexo e Poder. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

TVIAVII. O Papalagui: comentários de Tuiávii, chefe da tribo Tiavéa nos mares do sua, págs 77-82. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1986.

WITIKIN, Joel-Peter. Vanitas. Arbor Vitae. UK: 2012.

